UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

JOSELY OLIVEIRA RAMOS

MEMÓRIAS ENTRE FIOS E DESAFIOS: DA EDUCAÇÃO INFANTIL AO INÍCIO DA VIDA ACADÊMICA

BELÉM/ PARÁ
2019

JOSELY OLIVEIRA RAMOS

MEMÓRIAS ENTRE FIOS E DESAFIOS: DA EDUCAÇÃO INFANTIL AO INÍCIO DA VIDA ACADÊMICA

Trabalho de conclusão de curso apresentado à Faculdade em Educação do Instituto de Ciências da Educação da Universidade Federal do Pará, como requisito à obtenção do título de Licenciatura Plena em Pedagogia, sob a orientação da Professora Doutora Andréa Pereira Silveira.

BELÉM/ PARÁ
2019

JOSELY OLIVEIRA RAMOS

MEMÓRIAS ENTRE FIOS E DESAFIOS: DA EDUCAÇÃO INFANTIL AO INÍCIO DA VIDA ACADÊMICA

Aprovado em: / /

BANCA EXAMINADORA

_____

Prof.ª Dr.ª Andréa Pereira Silveira
Orientadora/Presidente da Banca Examinadora (FAED/ICED/UFPA)

_____

Prof.ª Dr.ª Sônia Eli Cabral Rodrigues
Avaliador/a Interno/a (FAED/ICED/UFPA)

Dedico esse trabalho em primeiro lugar ao meu Deus, que sempre age em meu favor, cuidando de mim com sua abundante graça.
À minha família que está sempre comigo, em especial meus pais.
Aos meus amigos e amigas que tem sido importante de formas distintas, porém valiosas.
A todos que de forma direta e indireta acreditaram em mim e me motivaram principalmente os que em oração ajudaram a me erguer.

AGRADECIMENTOS

Agradeço em primeiríssimo lugar ao meu Deus, pois sem Ele eu não conseguiria enfrentar as dificuldades para alcançar as vitórias almejadas. Agradeço por tudo que fez e fará por mim!

Agradeço ao meu pai José Ramos por sua dedicação, paciência, amor e incentivo aos meus estudos, por ser um pai amoroso e bom conselheiro. Merece toda minha gratidão!

À minha mãe Suely Ramos que sempre me apoia, que nunca deixou faltar amor e provisão, pois sempre que preciso, faz até o que não era possível, você merece todo meu amor. Obrigada pelo seu zelo até os dias de hoje!

Aos meus irmãos, Marina e Arthur e sobrinhos, Yasmin, Isabela e Nicolas e ao meu namorado Alceu, por ser um incentivador em lutar pelo que desejamos, admiro sua determinação. Obrigada pelo seu amor e admiração!

À minha orientadora Andréa Silveira, pela compreensão e incentivo dado a mim, por ter acreditado em mim e ser parte importante dessa vitória. Obrigada por me impulsionar a manter a esperança de que posso enfrentar o que vier.

Agradeço à professora Sônia Eli Rodrigues por não ter desistido de mim, ter me apresentado à professora Andréa Silveira e pelos aprendizados como sua monitora.

Agradeço aos amigos que ganhei na Assembleia de Deus Mundurucus I e aos amigos de Capanema.

Aos meus avós maternos que me acolheram em sua casa e aos meus tios e tias. Aos meus avós paternos, grandes batalhadores! Com amor, ao meu avô Luiz Gonzaga (*In memoria*m).

Aos meus queridos que conheci no Mirante do Rio enquanto era bolsista, pelos momentos de lutas e diversão que amenizava o ambiente, em especial ao Marcos Silva, Andrey Andrade e à Rosimary Souza, vocês foram importantes em momentos oportunos.

Agradeço aos professores e professoras que foram essenciais na minha formação acadêmica com seus conhecimentos e incentivos a ser uma pessoa mais crítica.

Às minhas amigas Luciane Pinheiro, Sulyane Palmeira, Nayana Machado, Jhanniely Barbosa, Janete Lima, Yasmim Nascimento e Roselene Hianes, sem as quais a vida universitária não seria agradável, pois tornaram o fardo mais leve, dividindo alegrias e tristezas. Cada uma é especial para mim e às quero sempre presentes em minha vida. Amizades para além dos muros da UFPA.

Gratidão a todos!

“Ensinar é um exercício de imortalidade.
De alguma forma continuamos a viver naqueles cujos olhos
aprenderam a ver o mundo pela magia da nossa palavra.
O professor, assim, não morre jamais…”
Rubem Alves

RESUMO

Este memorial tem como objetivo abordar pontos importantes da minha vida pessoal e estudantil. Descrever situações ocorridas durante meu processo de escolarização, da Educação Infantil, do Ensino Fundamental e Ensino médio até minha Graduação no curso de Licenciatura Plena em Pedagogia na Universidade Federal do Pará (UFPA). Esse trabalho reflete meu interesse de relatar memórias de histórias de vida, das experiências por mim vividas. O memorial encontra-se dividido em três seções. Inicialmente teço considerações sobre o que é um memorial, trato sobre a sua elaboração e conceituação. Na segunda seção relato minha história, descrevo meu processo escolar da Educação Básica ao Ensino Superior, revelando detalhes que foram cruciais para minha formação acadêmica e profissional, a saber: estágio de gestão e coordenação pedagógica; estágio na educação infantil; a monitoria docente e a bolsa trabalho no Mirante do Rio. Na terceira seção, ressalto aspectos da minha formação no curso de Pedagogia na Universidade Federal do Pará e aponto os avanços e desafios enfrentados para encerrar esse ciclo formativo, relatando as vivências acadêmicas que foram importantes para minha formação, mesmo enfrentando dificuldades pessoais, a qual também é mais aprendizado, para fortalecer e determinar o que há de ser diferente daqui em diante. Essa formação acadêmica é pautada em constructos teóricos e práticos que subsidiarão a minha atuação profissional e, portanto, são saberes relevantes em minha trajetória.

Palavras-chaves: Memorial. Escolarização. Formação acadêmica.

ABSTRACT

This memorial aims to address important points in my personal and student life. Thus, I describe situations that occurred during my schooling process, from kindergarten, elementary school and high school to my undergraduate degree in Pedagogy at the Federal University of Pará (UFPA). This work reflects my interest in reporting memories of life stories, the experiences I have experienced. The memorial is divided into 3 sections. I begin by considering what a memorial is, how it is elaborated and conceptualized. In the second section I describe my history, I describe my school process from Basic Education to Higher Education, revealing details that were crucial to my academic and professional education, namely: management training and pedagogical coordination; stage in early childhood education; teacher monitoring and scholarship work in the Mirante do Rio. In the third section, I point out aspects of my learning in this course in Pedagogy at the Federal University of Pará, and to point out the advances and challenges being faced to the end of this training cycle, describing your life experiences and academic, that have been important to my development, even in the face of personal hardship, which is more the learning in order to strengthen, and to determine what is to be different from now on. This academic training is grounded in the constructs of the theory and the practical of the region and my professional experience, and therefore knowledge.

Keywords: Memorial. Schooling. Academic training.

LISTA DE SIGLAS

CVRD	Companhia Vale do Rio Doce
EI	Educação Infantil
ECA	Estatuto da Criança e do Adolescente
ENEM	Exame Nacional do Ensino Médio
FAED	Faculdade de Educação
GEPJURSE	Grupo de Estudos e Pesquisas em Juventude, Representações Sociais e Educação
ICED	Instituto de Ciências da Educação
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
LIBRAS	Língua Brasileira de Sinais
PROEG	Pró-reitoria de Ensino de Graduação
PPA	Plano Pedagógico de Apoio
SEMEC	Secretaria Municipal de Educação
UFPA	Universidade Federal do Pará

SUMÁRIO

1	**INTRODUÇÃO**	**11**
2	**MINHAS MEMÓRIAS: ENTRE FIOS E DESAFIOS**	**14**
2.1	**MEMÓRIAS DA EDUCAÇÃO BÁSICA**	**14**
2.2	**MEMÓRIAS DO ENSINO SUPERIOR**	**19**
2.2.1	**ESTÁGIO DE GESTÃO E COORDENAÇÃO PEDAGÓGICA**	**24**
2.2.2	**ESTÁGIO NA EDUCAÇÃO INFANTIL**	**30**
2.2.3	**ESTÁGIO NO PROGRAMA DE MONITORIA**	**39**
2.2.4	**PROGRAMA BOLSA PERMANÊNCIA ACADÊMICA**	**44**
3	**CONSIDERAÇÕES FINAIS**	**49**
	REFERÊNCIAS	**50**

1 INTRODUÇÃO

Elaborar um memorial requer revisitar vivências e fazer registros, exercitar reflexões, dúvidas, descobertas e sentimentos baseados em minha trajetória desde o início da vida escolar até a formação acadêmica, por meio de minhas memórias, a fim de contribuir de maneira direta para a composição textual deste memorial que é, dentre outras coisas, requisito avaliativo para a obtenção do grau de Licenciatura Plena em Pedagogia.

Relembrar minha infância e todo o período escolar que vivi, inicialmente, foi complicado. Trazer para o presente o passado em forma de escrita é algo que nos leva a reviver as experiências que tivemos, os aprendizados e dificuldades enfrentadas, relacionando tudo com o que nos tornamos e o que contribuiu para nossa formação como indivíduo social, pois todos os relacionamentos sejam familiares e/ou de amizades cooperam para a construção da nossa identidade, visto que:

> "O homem é um ser social e histórico. Transforma o meio e por ele é transformado. Estabelece relações com o mundo servindo-se nele e no seu grupo sociocultural. Constrói sua individualidade a partir de sua interação com o outro". (NASPOLIN, 1996, p.189).

A motivação da escolha de um Memorial como trabalho de conclusão de curso deu-se a partir das dificuldades que enfrentei para que a escrita fluísse. Inicialmente o trabalho seria uma monografia, na qual eu desejava falar sobre a timidez, infelizmente surgiram problemas pessoais que me desanimaram e obstruíram a possibilidade de escrever sobre o tema, um misto de bloqueio, medo e ansiedade. Quando retomei, depois de procrastinar tanto para não escrever meu TCC, mudei de tema e tipo de trabalho, agora seria artigo. Conversando com a orientadora sobre minhas dificuldades e atrasos, recebi de sua parte compreensão, no entanto isso não era o bastante, pois mesmo sendo motivada, orientada, eu não conseguia iniciar.

Depois de um tempo negando a mim mesma a necessidade de encarar o problema que estava enfrentando para iniciar e concluir uma etapa tão importante, fui á procura da minha orientadora, a professora Dr.ª Sônia Eli Rodrigues. Conversamos seriamente sobre o TCC, pois não havia mais tempo a perder. Foram momentos difíceis que passei, pois tinha medo de ser rejeitada por minha orientadora, depois de tantas paradas e sumiços.

Finalmente eu iniciei o artigo sobre um tema indicado e orientado por ela, tema que me agradou, pois tinha como ideia central a Afetividade e a relação professor-aluno, um assunto amplo e rico de detalhes. Com a ajuda de alguns amigos do curso, minha dificuldade para escrever começou a desaparecer e a força para continuar surgiu. Pensei que dessa vez tudo daria certo, no entanto, eu mesma continuava me sabotando. É um sentimento que não consigo explicar, que bloqueiam minhas ações e impossibilitam minha vontade de terminar o que comecei. Todas essas dificuldades fizeram-me voltar à minha infância, quando vivia a situação da timidez, o medo de errar, de não executar bem a tarefa designada a mim, a frustração por não vencer o medo e desafiar meus próprios dilemas e seguir em frente. E foi assim que lutei contra isso, mesmo ainda querendo fugir e procurei a professora Sônia Eli para retomar o trabalho. Nossa conversa dessa vez não foi tão longa, porém ela ressaltou o que nós como pessoas sabemos, mas costumamos negar: ninguém fará por nós, o que somente nós devemos fazer.

Diante desse processo difícil, minha orientadora apresentou-me à professora Dr.ª Andréa Silveira, sugerindo minha troca de orientadora, pois acreditava que essa mudança poderia colaborar para que eu avançasse e terminasse o TCC. Conheci minha atual orientadora e diante do nosso diálogo minha esperança de finalmente defender o TCC despontou. Devido o curto prazo a professora Andréa Silveira indicou-me a possibilidade de elaborar um Memorial e assim comecei a escrever. Senti confiança em iniciá-lo, com sua orientação e apoio de amigas que explicaram sobre o processo de construção de um Memorial. Assim, ele surgiu! Sou grata por cada uma dessas pessoas supracitadas, sem a contribuição delas esse trabalho de conclusão não se tornaria real.

O Memorial de Formação possibilita relembrar momentos que julgamos importantes que ocorreram em nossa trajetória escolar e acadêmica, podendo assim refletir sobre os aprendizados e determinantes conhecimentos adquiridos durante a formação acadêmica que nos permite autoanalisar o quanto ainda necessitamos aprender e continuar em busca de conhecimentos para aprimorar a formação docente.

Através do Memorial há a possibilidade não somente de elaborar uma crítica dos fatos narrados, como propiciar uma autocrítica, nos termos apresentados por Prado e Soligo (2004, p. 6):

> “O Memorial não é somente uma crítica que forçosamente avalia as ações, ideias, impressões e conhecimentos do sujeito narrador; é também autocrítico da ação daquele que narra, seja como autor do texto ou como sujeito da lembrança. Portanto, têm muito a ver com as condições, situações e contingências que envolveram a ação do narrador, protagonista das memórias. Além de ser crítico e

> autocrítico, é também um pouco confessional, apresentando paixões, emoções, sentimentos inscritos na memória".

Nesse ponto de vista, recordar, foi relembrar o passado e refletir sobre o que ocorreu na minha própria história. É como fazer um "balanço" sobre os avanços ou retrocessos em minha vida. Segundo Gaspar, Araújo e Passeggi (2011), o memorial admite que o autor registre sobre sua trajetória e ao mesmo tempo faça uma reflexão sobre ela. Desta forma, eles afirmam que:

> "O memorial é um tipo de escrita de si, uma narrativa descritiva e reflexiva sobre uma trajetória de vida e de formação. A grande riqueza da experiência do memorial é compreendida quando o rememorar dos eventos constrói pontes com o presente, criando insights que vão dar lugar a verdadeiras aprendizagens". (GASPAR; ARAÚJO; PASSEGGI, 2011, p.03).

Nesse sentido, Prado e Soligo (2005) conceituam que o memorial enquanto gênero literário é preponderadamente narrativo, enunciado e analítico, além de ajustar a narração com elementos expositivos, onde se manifesta conceitos e ideias do autor. O memorial também apresenta os discursos descritivo e argumentativo, no entanto o discurso narrativo é declarado. Para frisar o exposto Benjamim define que:

> "A narrativa segue o curso da vida, ela não se explica à parte da vida, simplesmente flui. Na medida em que a história é narrada, os fatos surgem acompanhando a memória do narrador, 'que não se preocupa com o encadeamento exato de fatos determinados, mas com a maneira de sua inserção no fluxo insondável das coisas". (BENJAMIM, 1994, p. 209).

Destarte, o memorial ora delineado é assumido enquanto uma narrativa de curso de vida que flui entre os fios que teceram o meu percurso formativo. Esclareço ainda que este Memorial se encontra estruturado em três seções, a saber: a seção 1 corresponde a presente introdução do memorial, na qual apresento a construção dele, relato os motivos pelo qual decidi escrever um memorial para apresentar como trabalho avaliativo com vias a obtenção do grau de licenciatura plena em Pedagogia e utilizo aportes teóricos para caracterizar o que representa um memorial; na seção 2 descrevo meu processo escolar da Educação Básica ao Ensino Superior, pautando-me em minhas memórias sobre os aprendizados, dificuldades e vivências inesquecíveis na infância até alcançar o Ensino superior, destaco cada detalhe importante em minha formação acadêmica, e ressalto os avanços e os desafios enfrentados; na seção 3, concluo por meio de um balanço sobre todos os relatos, as experiências desafiadoras e, desse modo, destaco os aprendizados que contribuíram para minha formação enquanto sujeito, às vivências na Educação Básica, as experiências que

proporcionaram e subsidiaram a decisão por optar pelo curso de Pedagogia e, por fim, a concretização da realização do sonho de tornar-me uma graduada pela UFPA e seguir como uma futura educadora, buscando cada vez mais conhecimentos para ser uma docente comprometida e preparada para os possíveis desafios a superar no fazer da educação enquanto docente.

2 MINHAS MEMÓRIAS: ENTRE FIOS E DESAFIOS

Esta seção trata sobre as minhas memórias referentes a trajetória escolar desde a Educação Básica ao Ensino Superior. Desta feita, apresentarei momentos marcantes em minha escolarização no percurso da Educação Básica, como ocorreu meu ingresso no Ensino Superior e as experiências obtidas em meu processo formativo nesse âmbito de ensino.

2.1 MEMÓRIAS DA EDUCAÇÃO BÁSICA

Nasci em 11 de outubro de 1987 no município de Belém-Pará. Vale situar que a cidade de Belém foi fundada por Francisco Caldeira Castelo Branco em 12 de janeiro de 1616. Belém é uma cidade que se encontra à beira da baía Guajará, que passou por várias mudanças desde seu surgimento, uma cidade com uma população numerosa, de aproximadamente 1.485.732 pessoas, segundo o último censo realizado em 2010 (IBGE, 2010).

Sou a primogênita de três filhos. Nasci em Belém, mas morei em Parauapebas até meus 12 anos. A cidade de Parauapebas tornou-se município em 10 de maio de 1988, é um lugar grandioso devido a grande reserva mineral que há no atual município, com a exploração mineral realizada pela Companhia Vale do Rio Doce (CVRD), que hoje é conhecida como Vale, que na época pertencia ao Estado, no entanto foi-lhe concedido o direito de explorar minério de ferro, ouro e manganês no local, onde antes residiam os índios Xikrins do Cateté. Depois de sua descoberta, no final da década de 60, tem seu solo explorado até os dias de hoje e que após várias lutas para garantir sua autonomia administrativa, foi emancipada em 1988. Todo seu desenvolvimento iniciou após o estabelecimento do Projeto ‘Ferro Carajás’, atraindo bastante imigrantes, por esse motivo a população de Parauapebas é diversificada, há pessoas de vários Estados brasileiros e até de

outros países, de acordo com o censo de 2010, comporta na atualidade, aproximadamente 202.882 habitantes (IBGE, 2010).

Minha vida escolar iniciou aos quatro anos, no colégio Adventista, onde fui alfabetizada aos seis anos de idade. Depois que aprendi a ler descobri um novo mundo, pois para mim passou a ser uma das melhores coisas da minha vida, a leitura passou a ser meu maior prazer. Para meus pais, a educação sempre foi considerada de suma importância, sempre o melhor para ter uma vida escolar digna e proveitosa, sem medir esforços para isso. Aos sete anos de idade fui transferida para a Escolinha do Mundo Infantil para cursar a 1º série do ensino fundamental, por ser mais acessível financeiramente para meu pai e por ser mais próximo da nossa residência. Meus primeiros anos de trajetória escolar foram muito importantes para mim, aprendi coisas valiosas e inesquecíveis. Ao término da alfabetização fui aprovada para a 1ª série, mas infelizmente meus pais tiveram que me trocar de colégio por motivos financeiros, pois tinha mais um irmão iniciando sua vida escolar e nessa época não havia ensino gratuito para essa etapa inicial.

Sabe-se, que a Educação Infantil (EI) é importante para o processo de ensino aprendizagem do aluno, onde na lei de diretrizes e bases (LDB), promulgada em 20 de dezembro de 1996, no seu Art. 29 conceitua que: "A educação infantil, primeira etapa da educação básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança até os cinco anos de idade, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade". Porém, até então, o ensino fundamental era a única fase escolar obrigatória, e se iniciava a partir dos seis anos de idade, por esse motivo tive a grata experiência de alfabetizar minha irmã Marina. Nesse sentido, poucos lugares ofertavam escolas de EI gratuitas, entretanto meus pais prezam muito pela escolarização, então com muito esforço nos mantinha na escola particular, pois algo que eles aprenderam com seus pais foi o quanto a educação e ensino é importante para nossa vida.

Na turma de alfabetização do colégio Adventista conheci a professora Raimunda, dedicada, paciente, atenciosa e motivadora com todos os seus alunos, tive um bom desempenho no meu aprendizado de leitura e escrita, principalmente pelo acompanhamento de meu pai nesse aspecto, que também foi importante para que eu fosse muito bem alfabetizada. Então segui sem nenhuma dificuldade com a leitura e escrita para a primeira série do ensino fundamental, era uma escola particular bem equipada, na qual a diretora era muito empenhada no acompanhamento do desenvolvimento do alunato, observava as professoras com atenção e sempre estava disposta a ajudar os alunos no que fosse preciso, sempre com a presença dos pais.

Minha professora da 1º série era apenas uma reprodutora de conteúdos, não se esforçava para que o aluno aprendesse de fato o que era repassado por ela. Era autoritária e subjugava alguns alunos, em especial um colega o qual tinha dificuldades para acompanhar o conteúdo, chegando ao ponto de punir com reguada na mão aqueles que errassem a tabuada, o que deixava todos apreensivos durante a aula de matemática, tornando-a chata e amedrontadora.

Seu método de ensino não agradava muito, não nos incentivava a gostar de estudar, tudo era decoreba com sentimento de medo. Gostava de ver os alunos cabisbaixos, reclamando de coisas fúteis e aprendendo brinquedos ou qualquer coisa vista na mão do aluno, alegria de aluno a incomodava. Os momentos agradáveis ocorriam no recreio, momento esse que a tal professora não estava presente, onde merendávamos e brincávamos à vontade para depois regressar a sala de aula.

Concluí a 1º série com êxito, sonhando com uma professora melhor, porém fui transferida novamente, fiquei triste por deixar para trás meus colegas de aula e a diretora que me cativava. Foi então que iniciei a educação básica totalmente no ensino público. A 2º e 3ª série do ensino fundamental ocorreu na escola Estadual de Ensino Fundamental João Prudêncio de Brito no horário da tarde (lembranças maravilhosas). Nessa escola a rotina era completamente diferente das anteriores. A sequência do dia começava com todos os alunos enfileirados no pátio da escola para cantar o Hino Nacional Brasileiro e fazer uma oração matutina, depois éramos liberados para irmos para a sala de aula em ordem e sem fazer barulho.

Eu me adaptei bem à rotina determinada na escola, e eu gostava de honrar a pátria cantando o seu hino, hoje isso mudou um pouco devido tantos acontecimentos no decorrer da história que afetaram minha esperança do Brasil melhorar. Apesar de tudo ter começado bem nesse período escolar, uma coisa não dava certo, pois mesmo sendo uma estudante dedicada e exemplar havia uma pedra no caminho: a timidez. Para mim foi um problema que levou tempo para mudar, pois atrapalhava um pouco meu relacionamento com a turma e a possibilidade de desempenhar melhor as tarefas escolares.

Nesse contexto, dava-me muito bem nas atividades individuais, mas em grupo não era tão bom assim, apesar de conseguir efetuar as tarefas em equipe, para mim era uma tortura ter que me comunicar e expressar minha opinião para os outros e expor para a turma e professores o trabalho concluído. Muitas vezes nem respondia a chamada feita pela professora por causa da timidez, não me sentia bem com olhares voltados para mim, ao

ponto de um dia minha professora ameaçar colocar falta em mim, caso eu não respondesse, era pior ainda porque eu não respondia de qualquer forma.

Felizmente apareceu a professora Francisca que lecionava Língua Portuguesa, pessoa que marcou a minha vida escolar, foi a primeira vez que desejei um dia ser professora. Eu gostava tanto de estudar, principalmente com ela, que até as aulas de recuperação eu frequentava, por puro prazer de estar na escola depois de aprovada em todas as disciplinas, enquanto isso meus colegas queriam estar em casa aproveitando as férias de quem era aprovado. Nem doente eu faltava às aulas, minha mãe ficava aflita com isso.

Com a professora Francisca, aprendi muito sobre nossa língua e desenvolvi mais ainda minha criatividade na hora de escrever estórias, as redações ficavam longas com tanta imaginação, e ela me orientava a resumir minhas estórias sem perder a essência do meu objetivo ao escrever. Meu amor pela leitura só foi aumentando, incentivos não faltavam; havia feiras culturais, visitas à biblioteca, construção de pequenos livros pelos próprios alunos de cada turma, que eram expostos para toda a comunidade escolar com muita satisfação, e havia muitas atividades dentro e fora da escola, como passeios e pesquisas de campo.

A grande professora Francisca, inspirava-me com seu jeito doce de dar aulas, às vezes era exigente, para melhorar nosso aprendizado em sala de aula, porém valia o esforço no final. Fui aprovada para a 4º série, todavia mudei de escola mais uma vez, meus pais sempre acompanhando meus estudos e buscando sempre a melhor escola. Comecei mais uma etapa na escola Primavera, onde cursei a 4º, 5º e 6º séries (nessa escola eu frequentei somente o primeiro semestre da 6º série). Tive ótimas e professoras nesse colégio.

Importa destacar que houve uma mudança inesperada para mim durante a 4º série, quando meu pai resolveu levar a família de Parauapebas para morar em Quatipurú durante o ano letivo. Não deu certo, minha mãe percebeu que o ensino público era inferior ao dado em Parauapebas. Na turma em que fui matriculada, eu era muito adiantada em relação aos estudantes da escola inteira, pois o ensino era precário e o corpo docente desinteressado, com exceção de uma professora que não conseguia mudar o ensino ali dado por falta de apoio, tendo que se conformar com o que podia fazer.

Voltamos à Parauapebas em pleno período de aulas, o que me trouxe uma grande ansiedade em relação aos meus estudos, pois entrar na rotina de uma turma que já havia iniciado deixou-me apreensiva. Fazer amizades não era fácil para mim, era um processo demorado. Graças a professora Jô eu me senti à vontade e logo me integrei com a turma. Não tive dificuldades para acompanhar as matérias já iniciadas, superando a expectativa da

diretora e professora e principalmente a minha, pois devido meu desempenho ter sido muito bom, minha professora pediu á diretora que me passasse para a 5º série antes mesmo do final letivo.

Diante disso, conversaram com meus pais sobre essa mudança de série por ótimas notas e então pediram minha decisão a respeito, minha resposta foi negativa, pois minha timidez não deixava, e eu não sabia lidar com mudanças tão repentinas; tentaram convencer-me, mas não adiantou e mantiveram-me na 4º série, respeitando minha vontade. Aprovada à 5º série continuou meus estudos e tive uma grande surpresa ao reencontrar minha professora querida de Língua Portuguesa: Francisca. Foi um ótimo ano letivo com bons professores, onde fiz boas amizades. Fizemos muitas pesquisas, trabalhos escolares e concluímos com êxito.

O próximo caminho foi a 6º série. Estava muito satisfeita com minha trajetória quando tudo mudou, dessa vez algo que eu não desejava aconteceu. Em julho do ano 2000, durante as férias escolares, minha família e eu mudávamos para Capanema, nordeste do Pará. Foi um caso de necessidade para meu pai e desejo da parte dele e de minha mãe que morássemos em um lugar com mais oportunidades e próximo de cidades com hospitais melhores, universidades, bons empregos e próximo de seus pais. Trouxe comigo grandes lembranças de uma infância feliz e uma etapa escolar maravilhosa, apesar das dificuldades e medos que eu tinha devido a minha timidez.

Cheguei à Capanema animada com a nova cidade. Comecei a observar as novas pessoas, lugar distinto, linguajar e costumes diferentes, distante do que estava acostumada em Parauapebas. Mas foi na escola que notei maior diferença, não se comparava às escolas da cidade anterior, outros métodos educativos, novos professores e novos colegas. Procurei me adaptar ao novo ensino transmitido. Até a forma de avaliar e dar notas não eram as mesmas, pois na cidade de antes, as escolas avaliavam com conceitos de excelente, bom, regular e reprovado e na cidade de Capanema com notas de 0 a 10. Isso provocou uma grande confusão, pois a nova escola não aceitava a forma de avaliação da escola que frequentei anteriormente, minha mãe correu atrás entrando em contato com a escola anterior, para explicar a forma de avaliação feita para poder lançar minhas notas, quase repito o ano por causa dessa diferença de método avaliativo, pois a escola nova não queria aceitar o método da antiga escola, hoje vejo isso como despreparo da parte de coordenação e diretoria da escola e as diferenças explícitas, tanto no ensino como na organização do sistema educacional das cidades de um mesmo Estado, diferença essas que não deveria existir.

Tudo foi resolvido finalmente, depois de tantas indagações. Daí em diante continuei estudando, sempre amando estudar. Apesar do ensino e cultura diferente da que eu estava acostumada, eu consegui concluir o ensino fundamental na escola D. João VI. A seguir iniciei o Ensino Médio na mesma escola onde terminei a Educação Básica. O Ensino Médio ficou marcado com a lembrança de professores que me incentivaram a sempre buscar mais conhecimento e professores que me desanimaram com a falta de zelo pela disciplina dada por tais, deixando a desejar. Professores que apenas passavam trabalhos e mais trabalhos, mas não avaliavam de maneira justa os resultados obtidos pelos alunos. Conheci nesse período poucos professores excelentes em transmitir conhecimentos e péssimos professores, desleixados e pouco preocupados com o aprendizado dos alunos.

Uma professora tornou-se marcante, pois foi substituta nas disciplinas de Geografia e História, sendo ela na época, coordenadora pedagógica. Foi uma das melhores que já conheci. Seu modo de ensinar e seu amor à sua profissão motivaram até alunos considerados “burros”, bagunceiros e desinteressados a estudarem com afinco e mostrarem que eram capazes de aprender e ter um bom desempenho escolar. Um exemplo que guardo até hoje, mais um para a vida.

Já outra marcou com sua falta de interesse em ensinar e a “marcação” com minha pessoa nas apresentações de grupo. Não esqueço o dia em que ela cochilava enquanto eu explicava um assunto de Química, e como me dava notas menores que as dos alunos que não se saíam nada bem em suas apresentações, para mim era questão de honra tirar boas notas, e a atitude dela me desmotivou e até hoje não gosto de Química e não consigo entender significamente os assuntos desta disciplina.

No Ensino Médio eu não aprendi muito nas disciplinas de Física, Matemática e Inglês, meus professores não fizeram sua parte, era o básico do básico, e eu passei com decoreba. Concluí o Ensino Médio no ano de 2005, com uma tristeza considerada fora do comum para muitos, quando a maioria festejava a saída da escola, eu lamentava. Afinal, foram 14 anos de vida escolar.

2.2 MEMÓRIAS DO ENSINO SUPERIOR

Iniciava então a corrida do vestibular, um “bicho de sete cabeças” para mim. Fiz cursinho pré-vestibular para aprender coisas que não aprendi no Ensino Médio. Senti dificuldades com os assuntos pedidos para a prova do vestibular. O cursinho pré-vestibular foi de suma importância para a mudança de algo que prejudicou de certa forma a minha

vida: a timidez. Forçadamente foi uma experiência que me ajudou a lutar contra meus medos e a socializar com mais facilidade e hoje colho os frutos dessa mudança.

Tentei por três vezes passar no vestibular para ingressar na Universidade do Estado do Pará, duas vezes para o curso de Fisioterapia, muito concorrido, e uma vez para Pedagogia, pois era um sonho para mim, ingressar e fazer parte dessa instituição pública estadual. Não consegui e decidi fazer cursos profissionalizante e técnico também, enquanto isso eu fazia o ENEM, no qual consegui bolsas integrais em cursos que chamavam minha atenção, mas não cursei por causa de algumas burocracias, dificuldades para ir até o lugar escolhido e alguns por falta de vontade.

Cheguei a iniciar um curso de Administração, mas não me agradou e resolvi encerrar o curso e fazer vestibular novamente, mas com intenção de escolher o que realmente eu queria. Inscrevi-me para o curso de Pedagogia em várias instituições e passei em duas, uma delas foi à UFPA, a que escolhi por ser a desejada pelos meus pais e tão sonhada por muitos. Essa conquista ocorreu no ano que não me preparei e não acreditava que seria aprovada, no entanto o que eu não acreditava aconteceu. Aqui estou! Concluindo o curso de Pedagogia na Universidade Federal do Pará.

Saí de Capanema rumo à Belém para crescer, desempenhar projetos de vida e realizar o que meus pais almejam para mim, valorizar todo o seu esforço para que eu tivesse o melhor ensino para obter mais oportunidades do que eles tiveram. Pretendo ser uma professora tão boa quanto as que fizeram parte da minha trajetória escolar de forma positiva, sem esquecer os exemplos negativos, os quais não quero seguir e continuar seguindo meus maiores exemplos: meus pais que me incentivaram a estudar com amor e dedicação.

Iniciei minha vida universitária em agosto de 2014, no segundo semestre do ano, com certa ansiedade e preocupação. Seria capaz de vencer os obstáculos da vida universitária?! Teria que viver essa experiência para ter minhas conclusões, pois se sabe que para cada pessoa que passa por uma universidade pública, a vivência ocorre de formas distintas. Alguns sem tanta dificuldade e outros com desafios que por vezes derrubam alguns pelo caminho. Sou grata por cada experiência e professores que tive a honra de conhecer e receber seus ensinamentos.

No início do calendário letivo, houve a “Calourada” para comemorar a chegada dos calouros e orientar a respeito do curso, direitos e deveres e conhecer o ambiente do qual faríamos parte. A “Calourada” ocorreu com palestras sobre assuntos pertinentes a Pedagogia, oficinas pedagógicas, apresentação dos grupos de pesquisa e trote universitário.

Recordo da alegria de uns, olhares curiosos, calouros cheios de dúvidas e alguns nem um pouco animados. Os representantes acadêmicos em 2014, foram bem esclarecedores a respeito de tudo que seria essencial durante nossa permanência na UFPA, realmente demonstraram interesse em nos manter informados sobre as experiências importantes que estávamos prestes a viver como também nos deixar a par das dificuldades que enfrentaríamos com burocracias, professores não comprometidos, falta de investimentos e demora na solução de questões importantes.

Ao refletir sobre essa questão, surge a pergunta: quem é o Pedagogo e quais são seus ofícios sociais para com seus educandos? Segundo Libâneo (1996):

> "Pedagogo é o profissional que atua em várias instâncias da prática educativa, direta ou indiretamente ligadas à organização e aos processos de transmissão e assimilação ativa de saberes e modos de ação, tendo em vista objetiva de formação histórica. Em outras palavras, pedagogo é um profissional que lida com fatos, estruturas, contextos, situações, referentes à prática educativa em suas várias modalidades e manifestações". (LIBÂNEO, 1996. p.127).

O papel do Pedagogo é importantíssimo mediante a sociedade, pois através de sua profissão muitas das vezes contribui para uma formação de qualidade na vida de muitas pessoas. Desejo ressaltar as disciplinas do curso de Pedagogia que me causaram encantamento sem desmerecer nenhuma, mesmo que a relação professor-aluno não tenha sido agradável em algumas, originando desmotivação e raiva.

As disciplinas no curso de Licenciatura em Pedagogia, que me causaram vontade de aprender mais e me impulsionam a refletir e enxergar o mundo de forma diferente foram: Currículo: teorias e práticas, Sociologia da educação, Educação inclusiva, Bases biológicas do desenvolvimento humano, Sociologia da educação: instituição escolar, Libras, Estágio na Educação Infantil I, Estágio de gestão e coordenação pedagógica em ambientes escolares, Tecnologias e educação, Psicologia da aprendizagem e do desenvolvimento, Financiamento da educação, Ciências nos anos iniciais e Matemática nos anos iniciais. No entanto para que isso ocorresse foi fundamental a forma de ensinar do professor/a, um detalhe de suma importância ao repassar conhecimentos a outrem, de maneira enriquecedora, professores que criam em nós, a sede e fome de conhecimento.

O relacionamento professor-aluno na universidade é visto por muitos como apenas uma troca de saberes, o professor traz o conteúdo e o aluno recebe, sem aceitabilidade de um contato mais próximo, pois por muito tempo essa relação não foi permitida, permanecendo tradicional, porém ao passar dos tempos foi percebendo-se a importância do contato mais profundo e a liberdade de ambos de discutir seus pontos de vista, trocando

conhecimentos, sem aquele medo de colocar-se no mesmo patamar, de perder sua autoridade hierárquica, permitindo um aprendizado mais concreto. Cabe aos educadores, na perspectiva *walloniana,* provocar, estimular, exercer a sensibilidade, mas também a racionalidade junto aos alunos com o intuito de contribuir no desenvolvimento coletivo e individual dos aprendizes. Assim para compreender o papel do docente faz-se necessário:

> "[...] considerar que ele precisa saber lidar com seus ganhos cognitivos, suas conquistas afetivas e suas necessidades motoras, e não há melhor exercício para seu desenvolvimento do que a prática e a reflexão sobre essa prática na sala de aula. Como profissional docente, possui uma identidade, uma formação, enquanto ser individual, que se traduzem como resultado de suas interações com o meio, dos conflitos e das concordâncias sociais, cujos domínios funcionais da cognição, afetividade e motor estão sempre presentes". (CALIL, 2007, p. 308).

Nesse viés, quanto mais envolvimento afetivo e intelectual o professor conseguir fomentar na relação professor-aluno, professor-grupo, aluno-aluno, aluno-grupo e grupo-grupo melhor poderão ser os resultados do processo de ensino aprendizagem. Contudo, como bem salienta Calil (2007), outros fatores podem influenciar nessa relação como, por exemplo, a formação a qual o professor foi submetido, suas concepções ideológicas, religiosas, entre outras.

Toda ação docente, portanto, deve ser empregada de forma intencional visando contribuir para que os indivíduos ou grupos possam interagir tanto cognitiva e emocionalmente como no meio físico e social conjuntamente. O professor precisa compreender o outro, suas necessidades, ou seja, a ele é demandada a responsabilidade de observar atentamente os diversos aspectos sociais e físicos que estão presentes no âmbito escolar, e até mesmo fora deste, com o intuito de agir assertivamente.

É sendo capaz de agir com segurança em relação a si e ao outro que o docente pode perceber que para além de sua atuação os grupos podem agregar conhecimentos ao indivíduo, vez que:

> "Ao longo da vida, cada indivíduo participa de vários grupos, vivenciando papéis, correspondendo ou não às expectativas desses grupos, aprendendo a agir, conhecendo suas possibilidades e limitações. Os grupos são, para cada um, referências que possibilitam viver experiências imprescindíveis para o desenvolvimento, para a diferenciação e autonomia. É no grupo que acontecem as relações interpessoais, que se adquire a consciência de si e dos outros, que se apropria da cultura, que se aprendem valores, enfim, é no grupo que o indivíduo se humaniza. **O homem é um ser essencialmente social"**. (CALIL, 2007, p. 305, grifo nosso).

O professor bem formado, consciente de sua função social e de sua identidade, do nível de desenvolvimento dos alunos possivelmente usufrui de visão clara capaz de usar conhecimentos profissionais, valores morais e éticos que venham a auxiliar seus alunos. Entretanto, vale ressaltar que:

> "O desenvolvimento nunca termina; pelo contrário, a aprendizagem faz com que se aprimorem as diferenças, refinar o olhar, sempre levando a desenvolver a unidade entre os domínios que compõem a pessoa. Com o professor não é diferente". (CALIL, 2007, p. 310).

Como ser histórico social, o ser humano está sempre em movimento dialético com o entorno social, econômico e cultural, essas nuanças são parte da riqueza acumulada durante todo o processo de desenvolvimento das civilizações, assim tal processo não é estanque, para o homem e para a sociedade, e tende a alterar-se e ser alterado pela forma como nos relacionamos entre nós e com o meio ambiente no qual estamos inseridos.

Os estudos de Vygotsky também permitem entender a afetividade na relação professor-aluno, vez que, o autor reconhece que a relação entre indivíduos e destes com o ambiente social, este último pode vir a ser um condicionador do processo de desenvolvimento do ser humano. Nessa lógica, em relação a atuação docente ressalta que:

> "Promover relações harmoniosas e afetivas em sala de aula não significa que o professor tenha que se destituir da sua autoridade hierárquica, pois esta faz parte do seu papel, e muito menos aceitar tudo que é feito pelo aluno, sem interferir. Não deve haver incompatibilidade entre estes aspectos e o vínculo afetivo. Tanto o professor como o aluno deve identificar seu papel na dinâmica de sala de aula, respeitando uns aos outros". (ALMEIDA; STOLTZ, 2010, p.5).

A afetividade quando bem trabalhada junto ao aluno pode ser o diferencial para ajudar-lhe a superar algumas problemáticas que estejam causando dificuldades em sua aprendizagem. Assim, pode-se inferir que quanto melhor for a interação entre professores e alunos, melhores poderão ser os resultados tanto para quem aprende quanto para quem ensina, pois como bem afirma a obra *freireana* aprendemos mutuamente na relação com o outro (FREIRE, 2002, 2003).

Galvão (1996, p. 45) contribui para esse debate ao apontar que:

> "Apesar de alternarem a dominância, afetividade e cognição não se mantém como funções exteriores uma à outra. Cada uma, ao reaparecer como atividade predominante num dado estágio, incorpora as conquistas realizadas pela outra, no estágio anterior, construindo-se reciprocamente, num permanente processo de integração e diferenciação".

E aqui, no reconhecimento da importância da afetividade e da cognição, continua meu desejo de crescer e aproveitar ao máximo tudo que estiver ao meu dispor para acrescentar à minha trajetória profissional e fazer a diferença, pois a partir do curso de Pedagogia sei que posso contribuir com a sociedade e ter um papel fundamental como pedagoga. Ensinar é algo encantador para mim e com esse curso estarei capacitada no qual

adquiri conhecimentos essenciais para ser uma ótima educadora, pois meu desejo é alcançar todas as metas que um dia propuser a mim, enfrentando as dificuldades sem desistir.

A fim de apresentar meu percurso no curso de Licenciatura Plena em Pedagogia apresentarei aspectos formativos de suma importância para mim, a saber: estágio de gestão e coordenação pedagógica; estágio na educação infantil; a monitoria docente e a bolsa trabalho no Mirante do Rio, ressaltando os principais aprendizados e atividades exercidas.

2.2.1 ESTÁGIO DE GESTÃO E COORDENAÇÃO PEDAGÓGICA

O estágio supervisionado de Gestão e Coordenação Pedagógica iniciou em 15 de junho de 2016 e concluiu-se em 14 de setembro do mesmo ano, das 7 horas às 11 horas, com o ensino voltado a Educação Infantil e Fundamental sob a supervisão da professora Maria do Socorro Lima. A escola atende alunos da comunidade local, aproximadamente 607 alunos matriculados e um total de 29 professores distribuídos nos turnos da manhã e tarde.

A Escola Municipal Francisco da Silva Nunes está localizada na Travessa Castelo Branco, 1824, bairro do Guamá. É uma escola com o ensino voltado para Educação Infantil e Fundamental. Foi inaugurada no dia 7 de maio de 1965 com o nome de Francisco da Silva Nunes em forma de homenagem. Francisco da Silva Nunes, nascido na cidade de Soure, concluiu o Curso Normal na Escola Normal de Belém e fez o curso de Direito até o 3º ano na Faculdade de Direito de Belém. Foi nomeado diretor do Grupo escolar das cidades de Irituia, Maracanã, Vila do Pinheiro hoje Icoaraci e no Instituto Lauro Sodré. Lecionou a disciplina de Matemática no Ginásio Paes de Carvalho e Escola Normal. Escreveu o livro Noções Elementares de Aritmética 1ª a 4ª série. Foi um educador dedicado e competente, contribuiu para a boa formação de muitos jovens e reconhecimento pelos seus valiosos trabalhos no campo educacional no Estado do Pará.

O objetivo do estágio supervisionado de Gestão e Coordenação Pedagógica é proporcionar ao discente de Pedagogia uma complementação e contribuição para a formação acadêmica, possibilitando a integração entre teoria e prática através da vivência com a rotina da escola. Observar e analisar como é organizado o planejamento e a execução das ações pedagógicas, como sucede a articulação da elaboração participativa do Projeto Político Pedagógico da escola e como ocorre o processo da gestão na unidade escolar.

Assim, desenvolvemos atividades e observações na Escola Francisco da Silva Nunes, de maneira que eu, juntamente com minhas colegas de curso, um grupo de quatro pessoas, iniciei o estágio de Gestão e Coordenação Pedagógica no dia 15 de junho de 2016.

Ao chegar fomos recebidas pela secretária escolar que nos guiou à sala da coordenação juntamente com nossa supervisora, onde permanecemos aguardando a chegada da coordenadora pedagógica. Esta coordenadora estava colaborando pela manhã devido uma coordenadora da manhã estar de licença médica e a outra ausente, porém a que nos recebeu era responsável pelo turno da tarde. A professora Socorro Lima nos apresentou e deixou-nos á vontade para dialogar com a coordenadora.

A Escola Francisco da Silva Nunes como todas as escolas do município de Belém, atende com o sistema de ciclos: Ciclo 1 – 1º ao 2º ano e Ciclo 2 - 3º ao 5º ano. Esse sistema é concebido como alternativa ao tradicional sistema de séries e na qual a avaliação é feita ao longo do ciclo – e não ao fim do ano letivo. O sistema de ciclos é baseado no regime de progressão continuada, uma perspectiva pedagógica em que a vida escolar e o currículo são assumidos e trabalhados em dimensões de tempo mais flexíveis. Dessa forma, o aluno só poderia ser reprovado no fim de cada ciclo.

O sistema de ciclos tem origem nos termos da nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), de 1996, que concedeu autonomia a Estados, municípios e escolas para adotar, ou não, esse sistema. A LDB determina que, nos ciclos, a avaliação deve ser feita no dia-a-dia da aprendizagem, de diversas formas, incorporando-se à educação formal a experiência de vida trazida pelo aluno do seu universo familiar e social. De acordo com esse sistema, por exemplo, o ensino fundamental possui dois ciclos: um da primeira à quarta série e outro da quinta à oitava.

O tempo de aprendizagem de cada aluno é respeitado, cada ano tem seus objetivos e ao fim o aluno é avaliado para ver o que ele absorveu. Quando ocorrem dificuldades do aluno em acompanhar a turma é realizado um acompanhamento pedagógico, direcionado pelo Plano Pedagógico de Apoio (PPA) com um planejamento diferenciado ao aluno para ajudá-lo avançar. O PPA é formulado pela Secretaria Municipal de Educação e Cultura (SEMEC) para atender as necessidades dos alunos. Cada professor realiza um registro síntese para analisar se os alunos alcançaram a aprendizagem, esse registro é feito anualmente para acompanhar o aprendizado dos estudantes, é como um boletim. Ocorre a Hora Pedagógica, que é um horário para realizar formação uma vez por mês para os professores na própria escola ou em um local determinado pela SEMEC, para os professores atualizarem o diário de classe e para fazer o planejamento da semana.

Quando iniciamos o estágio havia um diretor que não se encontrava presente, ele havia assumido o cargo em novembro de 2015. Antes de ele assumir o cargo, a escola passou por um período sem direção, nenhum profissional indicado pela SEMEC queria assumir, deixando a escola por mais ou menos um ano e meio sem direção. Por esse motivo ocorreu intervenção no ano de 2016, em meados de março, realizada pela SEMEC. Esse período sem direção deixou a escola defasada, causando desorientação na gestão.

Durante a intervenção da SEMEC verificaram muitas falhas, como a falta de frequência de funcionários ou a não assinatura no livro de ponto, diário de classe e muita desorganização. Diante disso, observamos que na sala de coordenação havia livros depositados pelos cantos e em uma prateleira encontrava-se o diário de classe, o livro de ocorrências diária discente, atas de reunião, frequência dos professores, termos de compromissos e requerimentos.

Ficamos na secretaria da escola com a assistente administrativa e o auxiliar administrativo que nos apresentou as atividades realizadas por eles, nos mostraram o registro síntese do ciclo de formação, a qual contém a avaliação da aprendizagem e também o livro de ponto que controla o horário de entrada e saída de funcionários. A escola utiliza três sistemas: Bolsa Família, Passe Fácil e SIGA (Sistema de Informação de Gestão Acadêmica) que contém a quantidade de alunos e situação de cada um, emite atestado, declaração e dá acesso ao "Mais Educação". Depois conhecemos mais uma coordenadora pedagógica que nos relatou o que a coordenação executa na escola. Sua função é atender os professores e acompanhar a hora pedagógica, reunião pedagógica, sala de leitura e biblioteca, atender os alunos no registro de ocorrências e orientações, assessorando de acordo com a necessidade do aluno e também do professor em sala de aula. Conhecemos o entorno da escola, observamos a estrutura física e visitamos a sala de recursos multifuncional que atende alunos no contra-turno, nesse período atendiam 28 alunos, 24 deles com laudo e na ocasião, foi dito pela professora da sala de recursos que os professores têm dificuldade com alunos com dislexia, porém por não ser considerado deficiência pela SEMEC eles não são incluídos no atendimento. A professora trabalhava em braile com um aluno cego, pois a sala possui materiais e máquina *Braille* e assim também conhecemos a biblioteca que tem um bom acervo de livros, onde os alunos podiam circular e ler livremente.

Houve visita da SEMEC na escola e às 09h30min horas iniciou uma reunião pedagógica para tratar das questões do fim do semestre e sobre a festa junina, portanto os alunos foram liberados. Verificamos a necessidade de uma ação pedagógica para melhorar

a relação dos funcionários e alunos, para evitar situações de falta de intervenção em brigas de alunos e estresse. Voltamos à secretaria e colaboramos com a organização do cadastro dos funcionários e verificar documentos em falta. Participamos da reunião de Ciclo com os pais que acabou tornando-se, em algumas salas um plantão pedagógico, devido os pais terem chegado em horários diferentes, onde o professor repassava a avaliação feita sobre o aluno. Nesse momento primeiramente a coordenadora pedagógica recepciona os pais com boas vindas e solicita a assinatura dos pais presentes. Após isso, cada professora tem seu tempo para se apresentar e relatar a sua atividade com os alunos. Teve a palavra a professora regente que avalia a classe de forma geral, conversa com os pais, fazendo reflexões a respeito da família e a importância do acompanhamento dos estudos e após fez a entrega da ficha dos estudantes com a avaliação individual; a professora responsável pela biblioteca ressaltou sobre a importância da leitura; a professora de Artes abordou a pouca frequência dos alunos e a dificuldade de repassar as aulas devido a falta da maior parte dos alunos e em seguida, a professora de informática relatou os conteúdos da aula realizados no computador e fez um alerta sobre o acesso à internet pelas crianças, sobre a necessidade de fiscalização dos vídeos e sites que as crianças acessam. E terminou dizendo que os alunos gostam muito da aula.

Acompanhamos a reunião com os professores, com a presença da coordenadora pedagógica e a administração. A pauta da reunião foi o projeto “Cultura de Paz”, o principal projeto da escola. Discutiram sobre o calendário escolar, expondo as atividades desenvolvidas desde o início do ano, falaram sobre o comportamento ético, sobre a palestra que fariam para os pais e sobre os jogos em setembro; para outubro estavam preparando as atividades, organizando os materiais e ensaios.

Conhecemos a nova gestora em outro dia e ela sem perda de tempo convocou uma reunião com os funcionários da escola, uns em grupo e outros separadamente, havia muitas questões a serem abordadas. A diretora em nossa conversa ressaltou a importância de ouvir os relatos com imparcialidade para tomar as devidas providências com justiça.

Segundo Pinto (2011**)** a relação gestão escolar e direção, é importante ressaltar sobre a gestão democrática, devendo ser oposta à administração escolar tradicional que tem caráter conservadora marcada pela administração empresarial. Colaboramos com a coordenadora no ensaio com alunos para o dia do estudante, com a música “O caderno”, interpretada por Fábio de Melo, que ocorreu na biblioteca.

O pedido da diretora nos deu acesso ao Projeto Político Pedagógico com a proposta que falava sobre a difusão da cultura de Paz, porém sem embasamento teórico satisfatório e

que precisava ser concluído e ao regimento da escola, para organizar o PPP e verificar os documentos necessários para a atualização da escola para o Conselho Escolar. Tivemos em mãos a Matriz curricular do Ensino Fundamental, o calendário escolar com 202 dias letivos para serem cumpridos, a resolução nº 265, de dezembro de 1981 e o Manual de Boas Práticas. O PPP aborda de maneira sucinta sobre a função do Conselho de escola, da equipe pedagógica, dos funcionários e sobre os direitos dos alunos, relata os recursos humanos e estrutura da escola e sobre as funções e responsabilidades dos atores da escola, porém precisava ser atualizado e revisado.

Nessa perspectiva podemos ver que de acordo com Pinto (2011) sobre a atuação do pedagogo via Projeto Político Pedagógico, ele afirma que a escola deve usufruir da sua autonomia, por mais que seja parcialmente, e isso ocorre por meio do PPP construído coletivamente. O PPP bem elaborado é o que garante o exercício de autonomia para a escola, fortalecendo a cultura escolar, mas para isso, é necessário ter base teórica para fundamentar seus argumentos.

Participamos da reunião dos docentes com a coordenação pedagógica sobre o desfile da escola em alusão ao dia da Independência do Brasil, com a marcha intitulada como Caminhada da Paz. Houve discussão quando a coordenadora comunicou a mudança da data sem comunicar os professores. Não concordando com a mudança indagaram a falta de diálogo e a falta de respeito pelas decisões tomadas em conjunto, lembrando assim da fala de Lima (2011) sobre a escola como coleção, onde nessa categoria as pessoas não trabalham juntas, realizam os processos separadamente, sem compartilhar entre si ideias projetos e críticas para a totalidade.

Porém, nessa ocasião, alguns docentes se manifestaram a respeito dessa falta de participação democrática e iniciaram um debate, chegando ao fim da reunião com todo o desfile detalhado e anotado, com temas e divisões de tarefas, mostrando a importância do respeito, legitimação, cooperação entre, não só o corpo docente, mas entre todos profissionais e trabalhadores em educação na escola, conforme aborda Pinto (2011).

Por conseguinte, observamos a atuação da coordenação pedagógica na escola e da direção, que chegou com muitos problemas burocráticos para resolver, nesse período verificamos a necessidade da direção em sair para resolver questões administrativas em órgãos responsáveis municipais e seu malabarismo para resolver situações recorrentes na escola com comportamentos não esperados de alunos, que ora eram levados á coordenação pedagógica ou deixados na sala da direção.

Em seguida houve uma reunião entre direção e professores, na qual não pudemos observar, em nosso fim de estágio. Assim concluímos nossa participação e observação da prática pedagógica, com dificuldades no início, devido a má recepção por parte de uma das coordenadoras, que impossibilitou parte de nossa experiência na coordenação pedagógica, mas que melhorou a partir da chegada da nova diretora, que nos deu possibilidades de participar mais e avaliar nosso aprendizado.

Através do estágio em Gestão e coordenação pedagógica, reconhecemos as condições precárias em que muitas escolas públicas encontram-se atualmente, e que isso de certa forma retarda as mudanças necessárias a serem feitas no ensino. É importante estar alerta para não deixar que as dificuldades presentes no contexto da gestão escolar, sirvam como uma mera desculpa para a falta de comprometimento com a gestão e o comodismo, não fazendo nada nas escolas em prol da participação.

Não é tarefa fácil, ter uma gestão escolar democrática, por que a democracia é um processo que se constrói gradativamente e coletivamente, por isso, para que ela ocorra de fato, é necessária a participação ativa e efetiva dos pais e responsáveis dos alunos, de todos os trabalhadores em educação e dos demais setores comunitários, sendo ouvidos e envolvidos direta ou indiretamente, em todos os processos educacionais, políticos e nas tomadas de decisões que dizem respeito à organização e funcionamento da escola, tornando-a cada vez mais, um lugar de transformação social, a começar pelo diálogo.

Sobre essa abordagem da educação para a democracia participativa, Paro (2004) fala que ela é, sobretudo uma concepção pedagógica, que se fundamenta em dois pilares essenciais: o diálogo, entre os sujeitos, a comunidade escolar como um todo, com uma perspectiva de transformação social que inclui as relações entre a teoria e a prática, as relações entre os sujeitos em todos os âmbitos social, político, econômico cultural.

Faz-se necessário, diante da conjuntura política atual, repensar e adequar a participação popular, construindo uma participação coletiva que influencie a efetivação de uma participação ativa que garanta a cada indivíduo independentemente de raça, gênero, classe social, cor, crença o direito à educação. Uma educação de qualidade, que contribua para o exercício pleno da nossa cidadania, estimulando e tornando mais forte uma nova cultura de participação que interaja e lute em defesa dos seus direitos, buscando instrumentos de organização, identificando suas necessidades, influenciando na elaboração de políticas públicas, dando assim, um novo significado à educação, concebendo o desenvolvimento de uma sociedade mais participativa e mais democrática.

Importa que a comunidade seja mais motivada a buscar acesso às decisões que são tomadas nestas instituições de ensino, sejam mais participativos, por necessitar desse fortalecimento. Com uma gestão democrática onde todos participam e dialogam, será possível pôr em prática a missão, visão e filosofia da escola em concordância da gestão e da comunidade.

A experiência na coordenação pedagógica foi inicialmente impossibilitada, por uma coordenadora sem abertura para o diálogo e que não facilitou nossa atuação nesse segmento. Somente a partir da posse da nova diretora tivemos essa oportunidade de conhecer a atuação da direção, da coordenação pedagógica e ter acesso aos documentos da escola que são tão importantes para conhecer o objetivo da escola e ter nossa percepção e comparar o Projeto Político Pedagógico com a realidade escolar da instituição que estávamos estagiando.

Assim, pudemos perceber a importância de haver uma formação pedagógica mais atuante, mais diálogos entre toda a comunidade escolar, reuniões pedagógicas de orientação para os funcionários da escola, de como agir de forma pedagógica com os alunos em situação de agressividade, mostrando a eles a importância do respeito entre alunos, professores e profissionais de todas as áreas da escola. Havia também a necessidade de renovação de funcionários da escola, pois a grande maioria encontrava-se em processo de aposentadoria, sendo que a maioria eram funcionários muito antigos, muitos sem formação continuada e que ainda atuavam de forma tradicional e rígida.

Nosso aprendizado foi de como não deve ser o comportamento de uma coordenação pedagógica e o quanto é prejudicial ao andamento da escola à falta de uma gestão democrática e a ausência de alguém na direção, dificultando o desenvolvimento tanto do corpo docente como dos alunos. E dessa forma buscar conhecimento e aprofundamento teórico para o exercício da Pedagogia democrática e atuante, enfrentando os obstáculos burocráticos e colocando em prática um bom relacionamento com a comunidade escolar.

2.2.2 ESTÁGIO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

O estágio em Educação Infantil iniciou em 19 de agosto e concluiu-se em 22 de dezembro de 2016, das 07h30min horas às 11h30min horas, com o ensino voltado a Educação Infantil sob a supervisão da professora Maria do Socorro Lima. O objetivo do estágio supervisionado de Educação Infantil I e II é proporcionar ao discente de Pedagogia uma complementação e contribuição para a formação acadêmica, possibilitando a

integração entre teoria e prática através da vivência com a rotina da escola. Observar e vivenciar processos de ensino e pesquisa na escola-campo/centro de educação infantil/creches, ou em outros espaços previamente aprovados, para que os alunos desenvolvam condições e convicções favoráveis à continuidade da sua formação; elaborar, desenvolver e avaliar projetos educativos, a partir do diagnóstico da realidade da Educação Infantil, construindo formas de atuação, com vistas à melhoria da educação de crianças e desenvolver conhecimentos, habilidades e atitudes relativas à profissão docente, considerando o contato direto com o campo de estágio e a formação teórica proporcionada pelo curso.

A Escola Municipal Edson Luís está localizada na Rua Barão de Igarapé Miri, 1415, Guamá. É uma escola com o ensino voltado para Educação Infantil e Fundamental. A Escola Municipal de Educação Infantil e Ensino Fundamental Edson Luís originou-se da conquista dos moradores através do orçamento participativo, reivindicação organizada através do Centro Comunitário Riacho Doce, em função de não haver um espaço apto para atender a grande demanda das crianças em idade escolar moradoras das proximidades do Igarapé do Tucunduba.

A Prefeitura Municipal de Belém, em resposta às reivindicações dos moradores, desapropriou em 1998 o prédio onde anteriormente funcionava um motel e o transformou, adaptando para a atividade escolar sendo inaugurada em janeiro de 1999. Recebendo o nome de Edson Luís em homenagem ao estudante paraense que foi assassinado no Rio de Janeiro durante uma ação da Ditadura Militar em um restaurante onde se concentravam estudantes universitários que eram contrários a ditadura. Edson Luís é considerado um símbolo na luta pelas liberdades democráticas.

Durante o estágio I observou-se a atuação da professora no Jardim I e no estágio II executou-se o projeto de intervenção “Aprendendo com o Sítio do Pica-pau Amarelo” com as crianças sob supervisão da professora da turma. A escola atende alunos da comunidade local, com um total de 39 professores distribuídos nos turnos da manhã e tarde. O quadro de funcionários é composto por 8 pessoas na coordenação e secretaria, 15 pessoas no apoio e 5 na assistência administrativa. A Escola Edson Luís era recém-reformada, com uma infraestrutura física muito boa. Contém 12 salas de aulas, 1 sala de recursos multifuncionais, laboratório de informática, brinquedoteca, cantina, copa/cozinha, despensa, sala de coordenação, sala da direção, sala de professores, sala de técnico de informática e secretaria acadêmica.

Doravante destacarei as ações desenvolvidas no "*Estágio I - A Importância do Brincar no Desenvolvimento Infantil*". O ato de brincar sempre existiu na vida dos homens, porém era considerado como um passatempo uma forma de distrair as crianças enquanto os pais estavam ocupados com alguma coisa, as brincadeiras não tinham um significado pedagógico.

As pesquisas feitas sobre o tema evidenciaram que a brincadeira ajuda no desenvolvimento e aprendizagem dos alunos, e faz com que a criança aprenda se divertindo e assim não veja a escola como um lugar que vai só para aprender conteúdos, mas também um lugar em que se aprende de forma divertida e interativa. Além disso, quando uma criança brinca isso ajuda a desenvolver sua capacidade de imaginar, pensar e agir por si própria sem depender de um adulto para ensinar.

Na Educação Infantil o brincar deve ser tratado como prioridade já que está se trabalhando com crianças e tudo o que elas fazem é um divertimento e assim deve ser visto pelo educador, até o fato das crianças estarem se deslocando de um lugar para outro nesse momento elas estarão brincando, e com isso também estão aprendendo com as suas próprias vivências e aprendendo observando os adultos e crianças brincarem. Para Kishimoto (2010, p.1):

> "A criança não nasce sabendo brincar, ela precisa aprender, por meio das interações com outras crianças e com os adultos. Ela descobre, em contato com objetos e brinquedos, certo formas de uso desses materiais. Observando outras crianças e as intervenções da professora, ela aprende novas brincadeiras e suas regras".

A brincadeira é um direito das crianças está garantido na lei e deve ser proporcionado tanto em casa como na escola. No Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), capítulo II artigo 16, inciso IV- brincar, prática de esportes e diversão. O brincar se configura como um direito da criança que deve ser respeitado, e que não é só da escola, mas em casa também devem ser dadas as condições necessárias para que a criança possa se divertir, deve existir uma parceria escola e casa para que seja possível proporcionar um momento de brincadeira para as crianças. Para Dias (2013, p.6):

> "As brincadeiras na rua, em casa e na escola, e as festas, são parte profundamente significativa para a inserção no universo social". Com o brincar, se faz o processo de humanização ética da criança, por isso, deve ser utilizado para o desenvolvimento das crianças, tanto em casa, como na escola, principalmente por isso deve haver parceria entre pais e escola. A criança não se desenvolverá, se um não tiver o auxílio do outro, se um jogar a responsabilidade para outro. Todos são responsáveis pela educação, pelo desenvolvimento da criança.

Mesmo que de maneira inconsciente os professores ao deixar as crianças brincarem livres faz com que elas estejam aprendendo com o convívio de outras crianças e interagindo entre elas estão aprendendo a solucionar seus próprios problemas e até mesmo a dividir os seus brinquedos para que o outro possa brincar, sendo que o professor deve está atento para que no momento em que seja preciso de intervenção ele saiba como agir.

Durante o estágio enquanto as crianças brincavam pude observar como cada uma se comporta no grupo, quais preferem brincar sozinhas ou se todos aceitam brincar em grupo, se ocorrem muitos conflitos entre as crianças, se elas já conseguem lidar com pequenas situações que ocorrem com elas como, por exemplo, a disputa por um mesmo brinquedo, se há alguma criança que não consiga brincar no grupo e ao mesmo tempo essa criança tente atrapalhar as outras que estão brincando, se tem alguma criança com o comportamento violento e que tudo que ela resolva seja através de agressões.

Ao observar as situações no estágio que as crianças apresentam ao brincarem a professora sabia a atitude a ser tomada, dependendo do caso conversava com a criança primeiramente e tentava saber o que estava acontecendo com ela. Quando ocorriam conflitos ou pequenas agressões ela conversava com as crianças envolvidas e pedia para que fizessem as pazes pedindo desculpas e abraçando um ao outro. O educador tem um papel importante no desenvolvimento das crianças e ele junto a família deve trabalhar com parceria.

Ao deixar as crianças brincarem o educador tem um importante papel diante disso, ele deve ter o discernimento de saber quando ele precisa intervir em um conflito e quando ele deve dar autonomia para as crianças, também deve possibilitar ambiente e tempo para que essas crianças possam brincar lugares em que elas possam se movimentar. Segundo Friedmann (2012, p. 54):

> "O educador precisa adotar algumas posturas a fim de alcançar mais eficazmente seus objetivos lúdicos, como veremos a seguir:
> · Possibilitar tempo, espaço e materiais para as crianças brincarem livremente.
> · Escutar o que as crianças têm a dizer, fortalecendo seus posicionamentos e autoestima.
> · Fomentar a autonomia durante os conflitos, para estimular o desenvolvimento emocional e o autoconhecimento das crianças.
> · Possibilitar ações físicas que motivem as crianças a ser mentalmente ativas".

Com a prática das brincadeiras em sala de aula, seja ela direcionada pelo professor ou deixando os alunos a escolherem com o que querem brincar, faz com que as crianças

aprendam a esperar pela sua vez na hora de brincar, aprenda a obedecer às regras, pois mesmo nas brincadeiras não direcionadas e sem intenção também existem regras e o professor ao conduzir uma brincadeira com seus alunos faz com que eles aprendam esses costumes básicos.

Através das brincadeiras a criança passa a desenvolver a criatividade, passa a criar histórias, fantasiar as coisas, passa a construir e isso faz com que a criança melhor se desenvolva na realidade, aprenda a agir e interagir com os outros, ela passa a se expressar melhor, ter mais autonomia para realizar o que ela desejar.

O uso da brincadeira é importante na sala de aula, mas deve-se ter um cuidado para não forçar as crianças a brincarem sem as mesmas quererem, não adianta forçar uma criança a participar de uma brincadeira se ela não quiser, por que assim ao invés de se tornar uma atividade agradável se torna uma atividade chata, uma coisa em que a criança tem que fazer, pois está sendo obrigada, deve ser respeitado o tempo de cada criança e deixar ela a vontade para brincar ou ficar apreciando a brincadeira.

As oportunidades de deixar as crianças brincarem deve ser utilizado diariamente, pois, na Educação Infantil, a criança aprende por meio do brincar. As aulas devem utilizar estratégias diversificadas, incluindo e brincadeira para que assim o professor estimule seus alunos a pensar e a resolver problemas desde pequenos, pois com o fato do professor trabalhar com as brincadeiras ele estará ajudando o aluno para que ele desenvolva o pensamento autônomo, esses jogos sempre têm fácil acesso dos professores em sala de aula e embora pareça uma simples brincadeira, auxiliam, e muito, no processo de desenvolvimento e aprendizagem da criança.

Durante o estágio de observação acompanhamos a rotina da turma, as crianças chegavam, guardavam suas mochilas e sentavam para aguardar a atividade que seria determinada pela professora. A professora trabalhava com projetos e, ao iniciar o estágio I ela estava concluindo o projeto “Arca de Noé”.

Nesse contexto, a professora levou a música “A casa” de Vinicius de Moraes e com todas as crianças em uma roda colocou várias versões dessa música com intérpretes variados, inclusive Vinícius de Moraes, fez uma casa de origami e ensinou os alunos a fazer também, as crianças se divertiram bastante.

No intervalo as crianças seguiram para o recreio e ao regressarem fizeram uma atividade onde teriam que pintar uma casa, repetir a letra C, escrever a palavra CASA e cobrir a letra. As crianças que tinham dificuldade para executar a tarefa eram orientadas pela professora e após a conclusão da atividade brincavam no espaço de brincadeiras.

Nos dias posteriores a professora apresentou a elas a biografia de Monteiro Lobato, iniciando o último projeto do ano com o tema do “Sítio do Pica-pau Amarelo”. Apresentou os livros escritos por Monteiro Lobato para as crianças e após entregou os livros para as crianças olharem e conhecerem os livros e passou uma atividade onde teriam que desenhar o Monteiro Lobato. Todos os dias a professora escrevia no quadro branco o cabeçalho para as crianças copiarem e completarem como o nome da escola, nome da criança e data. Percebi que as crianças não gostavam muito de escrever esse cabeçalho todos os dias de aula, porém só poderia ir para o lado das brincadeiras se concluíssem a tarefa e, então faziam mesmo contrariados.

Nos dias que a professora do Jardim I se ausentou, tivemos momentos em outras duas salas de aula, podendo assim comparar as diferentes atuações docentes. Uma delas, também Jardim I, houve contação de história da Cinderela e na sequência fizeram atividades sobre as bandeiras do Pará e do Brasil e pintura de árvore com tinta e giz de cera. Em outra turma que tivemos oportunidade de dar apoio à professora substituta do Jardim II, a experiência foi um tanto impressionante, pois pude observar a total diferença de uma turma para outra, pois nessa turma as crianças eram um tanto agressivas e muito ativas, corriam, pulavam sobre os móveis, sem acatar as ordens da professora, uma turma que precisava de mais atenção da escola e mudança de rotina.

Voltando à turma que iniciei o estágio pude observar que a rotina executada pela professora era de atividades voltadas para a alfabetização, cada dia as crianças escrevem uma letra relacionada a um personagem do Sítio do Pica-pau Amarelo, tendo que escrever o nome do personagem, onde a maioria conseguia concluir, uns tinham dificuldades em escrever, um desses alunos é autista, aluno esse que apresentou um avanço significante ao chegar o final das aulas, interagindo bem com os colegas e escrevendo a inicial de seu nome. As aulas iniciavam com atividades orientadas pela docente e terminava com o tempo livre para brincadeiras.

O espaço para as brincadeiras é muito aconchegante, com bichinhos de pelúcia, decoração com letras, tapetes, livros na estante e alguns pendurados, um lugar que instiga a curiosidade e imaginação das crianças. Lugar esse que foi organizado pela professora com perfeição. As brincadeiras eram o ponto que mais as crianças interagiam, começavam brincando bem, porém após algum tempo iniciavam conflitos, disputas pelos brinquedos, onde a professora intervém para manter a ordem. As brincadeiras eram variadas com brinquedos, massinha de modelar e pintura. Quando as aulas estavam chegando ao fim do ano letivo o número de alunos foi diminuindo, alguns desses por problema de saúde.

Quando o final do ano letivo foi se aproximando, as crianças chegavam e brincavam do início ao fim da aula, enquanto a professora concluía os relatórios, pois a frequência de alunos diminuiu bastante.

Nesse contexto formativo, faz-se pertinente apontar as ações desenvolvidas no "*Estágio II de Educação Infantil – Projeto de Intervenção*". Conforme o propósito do estágio supervisionado, elaboramos o projeto de intervenção a partir da vivência na turma do Jardim I, no qual, as crianças encontravam-se na faixa etária entre 5 a 6 anos.

O projeto de intervenção proposto cujo título institui "Aprendendo com o Sítio do Pica-pau Amarelo" foi feito baseado no já existente da professora, para não alterar a rotina da turma de forma brusca, dando assim continuidade à linha de raciocínio. Trabalhamos com as crianças e utilizamos recursos que podíamos fazer leituras e determinadas brincadeiras com as crianças. Um cronograma de atividades a serem desenvolvidas foi apresentado à professora da turma, no qual, apresentamos em quatro encontros.

É algo primordial que reconheçamos a importância da literatura infantil e instigar a formação do hábito da leitura na idade em que todos os hábitos se formam, ou seja, na infância. Quando a criança ouve uma história que gosta e tem isso estimulado por meio da contação de histórias, ela tem primeiramente despertado o gosto por ouvi-las e em seguida passa para a leitura.

Abramovich (1997, p. 23) afirma que "[...] o escutar pode ser o início da aprendizagem para se tornar leitor". Assim, ao atuar com as crianças de Educação Infantil, devemos lembrar que elas necessitam brincar, criar e imaginar. Nos dias de hoje elas passam parte do tempo na escola e, além disso, possuem acesso a vários brinquedos eletrônicos, cheios de botões, e que dificultam a interação com as pessoas, pois com eles, na maioria das vezes, brincam sozinhas e se afastam da convivência com as outras crianças. Quando brincam, as crianças recriam a realidade, imaginam e se divertem em um universo infantil; podem desejar imaginar e vivenciar situações que satisfaçam suas necessidades.

O Sítio do Pica-pau Amarelo, de Monteiro Lobato, que é considerado o mais importante autor de literatura infantil no Brasil, atravessou gerações e é uma das obras mais amadas da literatura infanto-juvenil brasileira, pois possibilita esta mágica infantil. As histórias do Sítio do Pica-pau Amarelo são enriquecedoras para o desenvolvimento da imaginação da criança, a alusão ao folclore brasileiro e motivação para despertar a criatividade das crianças.

Monteiro Lobato escreveu livros infantis de sucesso, com seu grupo de personagens que vivem histórias variadas: Emília, Narizinho, Pedrinho, Marquês de Rabicó,

Conselheiro, Quindim, Visconde de Sabugosa, Dona Benta, Tia Nastácia, Tio Barnabé, Cuca, Saci e muitos outros. Os personagens principais moram ou passam boa parte do tempo no sítio pertencente à avó dos garotos, batizado com o nome de Pica-pau Amarelo. Contribuímos assim com a difusão da obra de Monteiro Lobato, resgatando obras literárias ligadas ao universo infantil e assim desenvolver a imaginação, a fantasia e criatividade das crianças.

No primeiro encontro iniciamos a atividade contando a história do Visconde, personagem do Sítio do Pica-pau Amarelo e após isso pedimos que falassem sobre o que tinham medo e desenhassem o personagem ou algo que lhes dava medo, pois a história relatava o medo que o personagem tinha da Emília e da vaquinha. Eles contaram vivências sobre medo e do que tinha medo, todos falaram. A seguir entregamos partes do Visconde para que as crianças colocassem montando seu corpo corretamente e pintassem depois. A execução dessa atividade foi ótima, as crianças interagiram de forma ativa fazendo a colagem e ficando muito satisfeitos ao final da atividade.

No segundo encontro, intervimos levando a história da Narizinho e imagens de sua fruta preferida: a jabuticaba. Entregamos a eles papel crepom roxo para fazer bolinhas e colar nas jabuticabas que tinham na atividade que continha a Narizinho ao lado de uma jabuticabeira e pintassem o restante. Foi uma tarefa bastante longa e proveitosa. Após o recreio entregamos uma tarefa que continham o nome incompleto do Quindim para preencher as vogais que faltavam e pintassem o personagem.

No terceiro dia iniciamos com uma atividade que continha a poção da Cuca, onde fiz a leitura e explicação do que teriam que fazer. Na atividade tinham que escrever a quantidade de cada ingrediente da poção. As crianças se saíram muito bem e logo depois do recreio, levamos todos para o espaço da brincadeira e apresentamos o jogo da memória com os personagens do sítio do Pica-pau Amarelo. Dividimos em duas equipes e explicamos como era a brincadeira do jogo da memória. Esse jogo mexeu bastante com o raciocínio deles, mesmo sendo um pouco difícil no início eles se divertiram, reconheceram os personagens e aprenderam a esperar a vez do colega, treinaram a memória e fixaram mais a intenção do projeto do sítio do Pica-pau Amarelo.

No quarto e último encontro a atividade continha as letras iniciais de alguns personagens para ligar ao seu respectivo dono. Essa atividade foi executada com rapidez e após o recreio entregamos máscaras já confeccionadas para eles pintarem. Conseguimos administrar bem a entrega, mostrando a importância de cada um desses personagens, para que nenhum fosse desprezado. Eles pintaram com muita dedicação e ao terminar fomos

para o espaço da brincadeira, cada um com sua máscara, para prepará-los para a contação de história. Iniciei relatando como era o Sítio do Pica-pau Amarelo e pedi que todos fechassem os olhos e se imaginassem entrando no sítio, em seguida disse para que cada um contasse o que viam quais personagens, como era o sítio. Todos falavam ao mesmo tempo o que estavam imaginando, até que eles mesmos davam espaço para que o colega falasse um após o outro. Cada um falou sobre a máscara do seu personagem e depois os liberamos para a brincadeira livre, onde eles interagiam utilizando a máscara e, assim concluímos nosso estágio.

Aprendemos que para realizar um trabalho significativo e prazeroso, é essencial que ele seja de maneira divertida, já que as brincadeiras não são meros passatempos divertidos, mas são utilizados por exercerem um papel fundamental no desenvolvimento da criança. Brincando a criança desenvolvem os três pilares fundamentais que lhe garantirá um desenvolvimento sadio: o psíquico, o motor e o cognitivo.

Nosso objetivo foi estimular o conhecimento da obra de Monteiro Lobato; a coordenação motora a partir de colagem, pintura dos personagens e brincadeiras; criar hábitos de leituras através da contação de histórias; conhecer a biografia do escritor Monteiro Lobato, estimular o gosto pela leitura, desenvolver e estimular a imaginação e o Faz de Conta e estimular a criatividade da criança através do projeto de intervenção elaborado e posto em prática de forma harmoniosa.

Houve dificuldades para a execução da intervenção, devido a ausência da professora em alguns dias e alguns momentos que ela interferia no que queríamos fazer durante a intervenção, confundindo as crianças. Não foi possível executar de acordo com o que planejamos no início do projeto pelo pouco tempo que restava e o lado financeiro, porém concluímos com êxito, com a satisfação e aprendizado das crianças ao final. Contudo, foi uma experiência agradável e determinante para o percurso da carreira acadêmica e do interesse em atuar na Educação Infantil. As pessoas nos acolheram bem e o espaço é muito agradável.

Para Pimenta e Lima (2004) o estágio é um elemento fundamental para a formação profissional, segundo elas essa experiência é um componente indispensável do processo de formação inicial e constitui-se como o espaço fundamental para observarmos a relação entre a teoria e a prática pedagógicas dentro da realidade educacional. Nessa perspectiva as autoras apontam para alguns pontos importantes para que possamos compreender os objetivos do estágio, tais como, nos proporcionar um conhecimento sobre a realidade, na qual vamos exercer a nossa profissão, nos concedendo a vivência dentro e fora da sala de

aula, para apropriação do conhecimento, garantindo a reflexão da nossa própria prática pedagógica como alunos.

A seguir abordarei as experiências formativas proporcionadas pelo ingresso no programa de monitoria subsidiado pela Universidade Federal do Pará no âmbito da experimentação da docência no Ensino Superior.

2.2.3 ESTÁGIO NO PROGRAMA DE MONITORIA

O Programa de Monitoria tem como objetivo essencial o aperfeiçoamento na formação do aluno e ainda instigar a valorização do ensino aprendizado de sua prática bem como incentivar a seguir a carreira docente. Diante disso, a UFPA, através da PROEG, divulga edital para que professores vinculados enviem projetos para obter bolsas de monitoria no Programa de Monitoria com o apoio da Pró-reitoria de extensão.

No prazo devido regulamentado, as disciplinas e números de vagas são divulgados e após o prazo o resultado dos projetos aprovados após a análise e classificação, os professores são agraciados com direito a suporte financeiro, conforme o orçamento. O propósito do Programa de monitoria, conforme o Edital n. 03/2015, do qual propiciou a mim a oportunidade de vivenciar a docência através da Monitoria, determinava o intuito de:

> 1.1.1. Contribuir para a elevação do nível de qualidade dos Cursos de Graduação;
> 1.1.2. Ampliar a participação do aluno de graduação na vida acadêmica, mediante a realização de atividades relacionadas ao ensino;
> 1.1.3. Possibilitar o aprofundamento teórico e o desenvolvimento de habilidades de caráter pedagógico do aluno;
> 1.1.4. Contribuir para a melhoria do ensino de graduação, colaborando com o docente no estabelecimento de novas práticas e experiências pedagógicas;
> 1.1.5. Atuar como elemento facilitador nas relações de entre professores e alunos, através do esclarecimento de dúvidas quanto ao conteúdo e à realização das atividades propostas;
> 1.1.6. Estimular ações específicas de modo a promover redução nos índices de retenção de alunos no seu percurso curricular, assim como prevenir a evasão e o abandono do curso (UFPA, 2015, p.1).

A seleção dos monitores primeiramente segue critérios indispensáveis como: estar devidamente matriculado; ter frequentado e concluído a disciplina para a qual se destina a bolsa de monitoria; comprovar condição de vulnerabilidade social ou ter ingressado através de ação de afirmativa. A escolha é realizada através de entrevista individual e avaliação do conhecimento e habilidades específicas. Os alunos selecionados para executarem as atividades de monitoria ficam sob a responsabilidade do professor da disciplina, sendo

capacitados de acordo com as normas previstas no regulamento e planejamento do programa elaborado pelo docente.

Através do projeto aprovado intitulado "*Interfaces entre a psicologia da educação e a educação inclusiva na formação inicial de professores: saberes e práticas no processo de ensino-aprendizagem*" (RODRIGUES, 2015), da professora Dr.ª Sônia Eli Rodrigues, foi realizada uma seleção de candidatos para serem monitores das disciplinas "Psicologia da Educação" e "Educação Especial". Os critérios de seleção seguiram a seguinte ordem: carta de intenção para a bolsa de monitoria; entrevista; ter cursado as disciplinas; e estar regularmente matriculado. Inicialmente fiquei como suplente, por pouco tempo, pois logo a vaga ficou em aberto e fui chamada para ocupá-la.

A experiência enquanto monitora foi muito significativa, na qual procurei desenvolver minha função da melhor maneira sob a orientação e coordenação da professora Dr.ª Sônia Eli Rodrigues, vivenciando a prática da docência em um espaço de trocas de saberes, aprendendo através dessa prática a importância da mediação de conhecimentos que deve ser realizada pelo professor. Conforme ressalta Machado (2005, p. 129):

> "A prática pedagógica se processa a partir da vontade de participar e cooperar com o outro. A vontade em participar está ligada à vontade de aprender, mesmo para vir a ser, porque se deve saber que prática pedagógica não se ensina, mas se aprende. Ela é formada de intenções de fazer educação e se constitui, antes de tudo, de um querer ser. Este querer ser é legitimado por um querer saber para fazer bem".

Nessa via, pautada em Machado (2005), no que tange a premissa de participar e cooperar, a ideia de fazer parte dessa proposta da construção de conhecimentos em turmas do curso de Pedagogia e Geografia levou-me a certificar a importância do ambiente interativo entre docentes e discentes, onde participam de forma efetiva nas aulas, não sendo apenas depósitos de conteúdos.

Destarte, para tornar-se um professor que instiga o aluno a ser um indivíduo crítico e reflexivo é necessário mais que acúmulo de conhecimentos, deve-se compreender que:

> "Ensinar exige sempre bom senso para não ser nem um professor licencioso, nem um déspota da educação. A realidade é dada essencial na construção e reconstrução dos conhecimentos, assim como sempre aprender com ela porque ensinar e aprender não são isolados. Fruto dessas inconclusão do ser é necessário ao bom educador à crença de que mudar é possível. Logicamente como ensinar é participar de várias construções de novos saberes é preponderante que o educador seja curioso e esteja sempre disposto a pesquisar o mundo... Educar exige comprometimento". (FREIRE, 2003, p. 96).

Assim que iniciou o período letivo do qual acompanharia a professora responsável nas disciplinas Psicologia da Educação e Educação Especial, houve o encontro em sua sala com os dois monitores selecionados, um para monitorar uma turma pela manhã e outro a turma noturna. Na reunião foram apresentadas as atividades que realizaram e as metas para todo o período da Monitoria.

A partir desse momento o plano seria discutir sobre o ensino-aprendizagem da Psicologia da Educação e Educação Especial; realizar levantamento bibliográfico das produções relacionadas aos materiais didático-pedagógicos voltados ao ensino-aprendizagem de Psicologia da Educação e Educação Especial; preparar-se para a execução das disciplinas Psicologia da Educação e Educação Especial que foram ministradas no Curso de Licenciatura em Pedagogia; participar e acompanhar nas disciplinas Psicologia da Educação e Educação Especial ministradas do período regular; registrar as produções ocorridas/expostas/refletidas na/para execução das aulas das disciplinas Psicologia da Educação e Educação Especial e diante das possibilidades planejar e realizar oficinas sobre Educação Especial voltadas para o público acadêmico e apresentar relatórios.

No começo da Monitoria, ao conhecer e ser apresentada á turma, senti-me temerosa, mas ao passar do tempo conheci e criei laços construtivos com os discentes, pois alguns não confiavam em mim ao tirar suas dúvidas sobre o assunto ou sobre as atividades passadas pela professora, no entanto tornei-me a mediadora entre a turma e a professora, relatando minhas observações e indagações dos alunos referentes ao conteúdo e didática da aula, permitindo que intervenções e melhorias fossem realizadas.

As atividades realizadas na disciplina “Psicologia da Educação”, na turma 315 de Pedagogia-noturno, foram seguidas e baseadas na Leitura do texto “A psicologia da educação na formação do educador” acompanhado da exibição do vídeo “História e Memória da Psicologia em SP”; a exibição do documentário “Pro dia nascer feliz” promovendo uma discussão em sala de aula sobre a compreensão a respeito do assunto abordado; aula expositivo-dialogada utilizando o slide com apontamentos sobre o texto “As concepções de Desenvolvimento Humano e suas repercussões no cotidiano escolar”; exibição do filme “Nell” e avaliações em grupo e individual.

Devido a quantidade de feriados e paralisações, a carga horária foi reduzida, necessitando um melhor aproveitamento através das propostas de diálogos em sala de aula e resenhas avaliativas para verificar o entendimento dos alunos.

A disciplina de “Educação Especial” foi realizada em uma turma de concluintes do curso de licenciatura e bacharelado em Geografia. A turma foi bem receptiva, porém

hesitava diante dos conteúdos e avaliações, devido a ânsia de concluir o curso rapidamente, veteranos saturados de conteúdos, física e psicologicamente cansados, devido a longa jornada universitária, houve até a tentativa de convencer a professora para que ocorresse apenas uma avaliação geral, proposta imediatamente recusada por ela.

Alguns discentes chegaram a ficar chateados com a recusa dela e argumentaram estarem sem ânimo para a última disciplina do curso, e por estarem sufocados com a construção do TCC. Observando isso, a professora relatou em nossa reunião de monitoria que teria dificuldades para manter a frequência dessa turma durante o período de aulas, para isso foi enérgica deixando claro que a baixa frequência os levaria á reprovação, dificultando e retardando sua conclusão de curso.

Verificando essa situação rapidamente pode-se até pensar que ela agiu de forma autoritária e incompreensiva, mas essa não era e jamais foi a intenção, pois o que ela desejava é que essa disciplina fosse aproveitada ao máximo, devido o grau de importância da disciplina Educação Especial no currículo de um professor como para a área educacional, que há tão pouco tempo não era valorizada e nem existia na grade curricular das licenciaturas.

Diante desse fato, a professora abordou a importância da ampliação do estudo da Educação Especial e os desafios encontrados para que isso ocorra, até verifica-se que é tímido o investimento em profissionais dessa área, são poucos ainda em vista do número de cursos que devem ter professores para ministrá-la.

Para comprovar a fala da professora em relação à preocupação quanto à inclusão da disciplina Libras nos cursos de licenciatura é sabido que somente há 14 anos, o Decreto nº 5.626/2005:

> "[...] assegurou a criação de cursos de Licenciatura em Letras Libras e Licenciatura em Letras Libras e Língua Portuguesa como segunda língua para Surdos (LL/LP-L2), bem como instituiu a disciplina de Libras como obrigatória nos cursos de Licenciaturas, Educação Especial e Fonoaudiologia". (SILVEIRA; LOBATO; SILVA, 2017, p. 213).

Se a importância do ensino de Libras era negada, que dirá a abordagem de uma disciplina "Educação Especial" que nos faz refletir sobre o quanto necessitamos avançar nos estudos e comprometimento com algo que deve ser pertinente na formação acadêmica de todos que almejam a docência como carreira. Podemos entender que "a inclusão significa que não é o aluno que se molda ou se adapta à escola, mas a escola consciente de sua função coloca-se a disposição do aluno" (CARVALHO, 2006).

A temática “Educação Especial” é abrangente e não é possível em pouca carga horária explanar detalhadamente tantas informações, exigindo do interessado no assunto, cursos específicos para intensificar os conhecimentos e assim lutar por uma educação que alcance a todos, pois é um direito da população, incluindo, dessa forma, as pessoas com deficiência, possibilitando sua inserção na sociedade. Nesse sentido, Glat (1998, p. 22) ressalta que:

> “Parte da premissa que todas as pessoas portadoras de deficiências têm direito de usufruir de condições o mais comum ou normais possíveis na comunidade onde vivem. Ou seja, elas devem participar das mesmas atividades sociais, educacionais, recreativas frequentadas por grupos de sua mesma idade”.

A luta continua em favor de uma política educacional que garanta a escolarização de alta qualidade desde a Educação Infantil até o Ensino Superior. Todavia, deve ocorrer a formação de professores e de profissionais da educação para que se torne real e possível esse direito. E assim no percurso da ministração da disciplina na turma de Geografia, eles compreenderam a essência do assunto e o quanto é fundamental para nossa formação como educadores.

Para fundamentar o aprendizado e conteúdos foram utilizados materiais como: “Psicologia e Inclusão: atuações psicológicas em pessoas com deficiência” de Emílio Figueira; “A inclusão que é “nossa” e a diferença que é do “outro” de Carlos Skliar; “Educação Inclusiva: escolarização, política e formação docente” por Rita de Cássia Barbosa P. Magalhães; a resolução nº 2, de 11 de setembro de 2001 que trata das “Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica”; o filme “Como as estrelas na terra”; a “Declaração de Salamanca” e o documento “Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva” (MEC/SECADI).

Durante as aulas foram realizados estudos dirigidos após a explanação dos textos e ao final a realização de uma resenha individual sobre todos os materiais abordados e um seminário em equipe sobre deficiências, selecionadas pela professora, na qual deveria ser criado um plano de aula para a deficiência sorteada para cada grupo, sendo elas: TDH, Superdotação e Altas habilidades, Autismo, Síndrome de Down e Deficiência mental.

A disciplina foi concluída com êxito e muito aprendizado, com muitos relatos pessoais compartilhados e compreendidos a partir dos teóricos apresentados. Como monitora pude intensificar meu aprendizado, acompanhando a professora em suas atividades, como sua participação no Grupo de Estudos e Pesquisas em Juventude, Representações Sociais e Educação – GEPJURSE, sob a coordenação da professora Dr.ª

Ivany Pinto Nascimento e vice-coordenação da professora Dr.ª Sônia Eli Rodrigues. Grupo de pesquisa no qual participei como ouvinte, na medida em que essa era uma das atividades designadas para os monitores.

A partir dessa experiência como monitora presenciando toda a rotina de uma professora universitária, pude entender o quão é fundamental a existência do Programa de Monitoria e a sua importância para a área educacional. Ao executar as tarefas determinadas percebi que o controle, a boa gestão do tempo e a organização das atividades, sendo de suma importância para a promoção da aprendizagem dos discentes e controle do docente.

O mais interessante foi observar que maior parte dos alunos superou a forma de aprender, saindo da ideia de apenas memorização de conteúdos, alcançando o aprendizado consciente que foi trabalhado na monitoria. Ao concluir cada disciplina a taxa de alunos que não tiveram êxito no processo avaliativo, foi mínima, a maior parte dos envolvidos teve um desempenho positivo, muita deles mantiveram compromisso em relação à aprendizagem, tornando-se mais livre no aprender.

Durante a monitoria, ao orientar os monitores, não foi apenas a professora que ensinou e instigou a produção do pensamento crítico, todavia os alunos e monitores tiveram a oportunidade de aprender, organizando os diversos pontos de vista. A monitoria como alguns pensam não é uma modalidade fácil, é preciso acompanhamento e zelo contínuo para a melhor formação e qualificação dos monitores e muita dedicação dos professores que orientam, para que não seja uma experiência falha. Se a proposta de monitoria fosse ampliada no Ensino Superior e todos os discentes tivessem a chance de participar desse programa, certamente os avanços para a aprendizagem dos alunos seria grandiosa.

2.2.4 PROGRAMA BOLSA PERMANÊNCIA ACADÊMICA

A Universidade Federal do Pará através da Superintendência de Assistência Estudantil (SAEST) disponibiliza bolsas permanências para universitários, uma forma de ajudar quem precisa para manter-se na instituição, são recursos federais distribuídos para todas as Universidades do Brasil, ainda em pouca quantidade a meu ver, devida existir muitos discentes carentes que tem com gastos de transporte, alimentação, moradia e compra de materiais didáticos.

As bolsas, na sua maioria, correspondem ao valor de até R$ 400, para diminuir a evasão por motivos financeiros, uma quantidade irrisória perto dos gastos necessários para manter-se na instituição, pois muitos discentes vêm de interiores, desempregados e para não prejudicar os estudos essas bolsas permanências colaboram para evitar a saída dos mesmos de seus respectivos cursos.

Desde o fim da monitoria, que ocorreram em dois períodos letivos fui à procura de uma bolsa para ajudar-me financeiramente. Inscrevi-me na bolsa permanência realizada uma vez por ano e por indicação soube do Programa de Bolsa de Apoio à Atividade Acadêmica que no momento necessitava de bolsistas.

Segui as orientações passadas pela PROEG em um processo muito demorado para ser admitida, que até me causou preocupação, pois estava me mantendo apenas com uma ajuda financeira familiar, depois de tanta espera fui chamada e apresentada à gerente do projeto que é realizado no Espaço de Ensino Mirante do Rio. Basicamente estas eram as funções que realizava enquanto bolsista no Monitoramento de salas e assistência aos professores, alunos e visitantes:

- Conhecimento dos projetos pedagógicos dos cursos vinculados ao Espaço de Ensino;
- Conhecimento e preenchimento da distribuição dos componentes curriculares dos referidos cursos nas salas do Espaço do Ensino;
- Noções do gerenciamento digital das disciplinas/cursos nas salas de aula;
- Assistência aos professores na localização, organização e demandas necessárias ao bom desenvolvimento de suas aulas;
- Assistência aos estudantes na localização e boa conservação do Espaço de Ensino;
- Identificação das necessidades do espaço de ensino e busca de soluções junto à administração;
- Prezar pelo bom relacionamento entre os membros da equipe educacional e o público a ser atendido;
- Aprender a garantir a integridade física do espaço de ensino, tanto na manutenção dos ambientes quanto dos objetos e equipamentos;
- Acompanhamento do cotidiano da sala de aula e a ambientação dos alunos;
- Identificação de conflitos no espaço de ensino para reportá-los à administração;

- Identificação de situação que destoasse do cumprimento das normas do espaço de ensino para acionar a intervenção da administração e;
- Auxílio eventual na secretaria do espaço de ensino.

Como monitora nesse espaço de ensino pude aprimorar meu contato com o público, um desafio para mim, pois exige pró-atividade, saber lidar com diferentes tipos de pessoas e também conhecer o espaço e materiais utilizados pelos professores. Com ajuda de outros bolsistas e profissionais que atuavam mais próximos de mim pude aprender rapidamente e desempenhar bem minhas funções.

Permaneci como bolsista no Mirante do Rio por aproximadamente um ano e meio, local que me presenteou com amizades e contatos com professores excelentes, com os quais eu pude dialogar e conhecer seus respectivos trabalhos e pesquisas. Ao mesmo tempo, houve a infelicidade de observar e também ter tratamento hostil da parte de professores que representam de forma inadequada sua posição como educador, causando desconforto a todos. Situações como essas eram corriqueiras e levadas à administração do espaço e reprovadas por parte dos professores que desempenham de forma educada e admirável o seu trabalho, respeitando a todos de forma igual. Mas esses são os desafios encontrados em todos os âmbitos da vida, onde encontraremos bons e maus profissionais e temos que estar preparados para tal situação.

Durante um dos recessos foi realizado a "Semana de Qualificação Acadêmica – Mirante do Rio", um evento voltado, principalmente, aos estudantes bolsistas no Mirante com o objetivo de promover estudos e debates sobre temáticas diversas a respeito da qualidade organizacional de ambientes de ensino. Os temas abordados foram: Relacionamento interpessoal; Marketing pessoal; Regras de atendimento ao público; Noções básicas de liderança e Gestão do tempo.

Somando-se a isso, tive a oportunidade maravilhosa de participar do "II Encontro de Formação Continuada para o relacionamento/atendimento básico de alunos com deficiência da UFPA" promovido pela Coordenadoria de Acessibilidade – CoAcess/ SAEST sob a direção da professora Dr.ª Arlete Marinho Gonçalves, para a qual todos os bolsistas vinculados ao Projeto de apoio à atividade acadêmica foram convidados a participar para adquirir ricas informações, que visam diminuir as barreiras e promover o atendimento acessível aos alunos com deficiência no Ensino Superior, a qual a CoAcess/SAEST atende.

A programação contou com a presença da professora Dr.ª Arlete Marinho Gonçalves na abertura do evento, o qual teve a duração de quatro dias com temas

diversificados explanados por profissionais da UFPA. Os temas foram: Dialogando sobre Deficiência Auditiva e Surdez; Dialogando sobre Transtorno do Espectro Autista; Dialogando sobre Deficiência Física e Múltiplas e Dialogando sobre Deficiência Visual.

Não posso deixar de relatar algo que ocorreu ano passado, quando pela primeira vez participei de um movimento entre os bolsistas, que me proporcionou aprendizados para uma formação política e consciência de coletividade, fato ocorrido diante de uma notícia de redução de bolsas e do valor das mesmas. Meu envolvimento em algo a favor de direitos foi inédito, pois não costumo envolver-me em causas políticas.

Conforme exposto anteriormente, há muitos universitários que dependem de bolsas acadêmicas e o fato de arbitrariamente decidirem cortar valores sem ao menos, reunir e informar quem sobrevive ou complementa sua renda com auxílios de recursos federais, necessários para a permanência na UFPA, foi inaceitável.

Diante do impasse do responsável na Pró-reitoria, os bolsistas de vários cursos e diversos locais dentro e fora da UFPA, reuniram-se e foram reivindicar a desistência de tal atitude imotivada dentro da reitoria, exigindo a presença e esclarecimento por parte do diretor responsável pela parte da Assistência Estudantil.

Conforme os protestos e divulgação do fato que circulava pelos corredores e salas de aulas, muitos alunos e professores apoiaram a causa e consideraram algo injusto e retrógrado, pois algo que deveria ser expandido corria o risco de ser repentinamente afetado de forma que prejudicaria a muitos bolsistas. E como em todas as manifestações, houve os discordantes, com argumentos egoístas em relação às bolsas acadêmicas, uns até consideraram desnecessário a existência delas. Em sua maioria, os que se mostraram contra a reivindicação, não passaram por dificuldades financeiras em pleno curso, problemas esses que muitas vezes obrigam discentes a abandonar o curso ou adiar seu sonho de graduação.

Foi decidido em conjunto que todos os bolsistas parassem no dia escolhido, para que a comunidade acadêmica percebesse o quanto o trabalho realizado pelos bolsistas é essencial e que em certos momentos fazem além de suas obrigações, sob o comando de pessoas que não respeitam o plano de trabalho a ser seguido conforme resoluções e portarias de estágios, sobrecarregando alunos com tarefas que não são de sua responsabilidade, até mesmo causando interferências em seu rendimento acadêmico, tornando-se alguns casos certa exploração. Nesse dia escolhido, o Mirante do Rio teve suas atividades paradas, onde muitos foram pegos de surpresa, porém grande parte apoiou a ação. Em seguida, os bolsistas conseguiram reunir-se com o reitor e garantir a não

diminuição dos valores das bolsas e conscientizar a todos da necessidade da presença do respeito por parte dos responsáveis de cada local de estágio.

Este foi só um dos exemplos das lutas e situações que ocorrem dentro da universidade, na qual não deveriam ocorrer ataques contra os direitos de estudantes. Alguns temem represálias e gostaria de poder dizer que não ocorreram, mas sabemos que sempre haverá, pois o que fala mais alto é o poder autoritário, de forma silenciosa e covarde. Todavia é algo que é preciso ser combatido, jamais aceito em silêncio e continuar o plantio da semente da coletividade e consciência política.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

> "[...] quem ensina aprende ao ensinar, e quem aprende ensina ao aprender".
> (FREIRE, 2002, p. 25)

Inspirada nas palavras de Freire (2002) assumo que foi gratificante relembrar e relatar minha trajetória de vida, com os momentos mais significantes para minha formação enquanto pessoa e profissional. Foi-me possível relatar as dificuldades que enfrentei até chegar à graduação, que será mais uma vitória que compartilharei com minha família e amigos. Tenho orgulho e felicidade por estar a chegar ao fim de mais uma batalha no curso de Pedagogia na Universidade Federal do Pará e, assim, tornando-me uma profissional da educação, pois para mim é gratificante poder repassar tudo aquilo que eu sei e ao mesmo tempo aprender.

O tempo prova que devemos vencer as dificuldades seja no âmbito profissional ou pessoal, para que novas descobertas se transformem em novas lutas. Por isso, ao narrar os caminhos percorridos por mim até aqui, descrevendo minha vida pessoal e acadêmica, percebi que tudo o que ocorreu, as lutas travadas, as certezas, as incertezas, o cansaço, as vitórias, os fracassos, vivenciados não foram em vão e penso que foram necessários para que eu me tornasse quem sou.

A melhor parte desse memorial foi relatar o período de escolarização da Educação Infantil ao Ensino Fundamental, pois são lembranças que estão marcadas em mim, a melhor época da minha vida. Quando ocorreram as primeiras experiências da vida escolar, experiências que se tornaram valiosas por ter ao meu lado professoras dedicadas e pais zelosos com minha educação.

Agrego também as vivências acadêmicas que foram importantes para minha formação, mesmo enfrentando dificuldades pessoais, a qual também é mais aprendizado, para fortalecer e determinar o que há de ser diferente daqui em diante. Essa formação acadêmica é pautada em constructos teóricos e práticos que subsidiarão a minha atuação profissional e, portanto, são saberes relevantes em minha trajetória.

Concluo esse memorial ressaltando que a educação é algo valioso e lembrando o que meu pai dizia, que enquanto ele viver apoiará financeiramente e atenciosamente tudo que for de suma importância para meu crescimento intelectual e profissional, pois a maior herança que se pode deixar é o conhecimento, um bem precioso que levamos por toda a vida, algo que ninguém pode tirar de nós.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, Fani. **Literatura Infantil**: gostosuras e bobices. São Paulo: Scipione, 1997.

ALMEIDA, Cleusa Piovezan.STOLTZ, Tania. **Afetividade na relação professor aluno para o desenvolvimento da aprendizagem**. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2010/2010_ufpr_ped_pdp_cleusa_piovezan_de_almeida.pdf>. Acesso em 06/11/2018.

ARAÚJO, Maria de Fátima; GASPAR, Mônica Maria Gadêlha de Souza; PASSEGI, Maria da Conceição. **Memorial – Gênero textual (Auto) biográfico**. In: SIGET – Simpósio Internacional de Estudos de Gêneros Textuais, 6, 2011, Natal. Anais... Natal: UFRN, 2011. p. 1-13.

BELÉM. **Diretrizes Curriculares do Ensino Fundamental Ciclos III E IV**. Disponível em: https://ipfer.com.br/gper/wp-content/uploads/sites/2/2017/12/Diretrizes-BELEM.pdf . Acesso em: 25 de junho de 2019.

BENJAMIN, W. O Narrador. **Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura.** Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. 7. ed, São Paulo: Brasiliense, 1994, (Obras escolhidas; v. 1).

BRASIL. IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE. Disponível em https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pa/belem/panorama. Acesso em: 24 de junho de 2019.

_____. IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE. Disponível em https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pa/belem/historico. Acesso em: 24 de junho de 2019.

_____. IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE. Disponível em https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pa/parauapebas/panorama. Acesso em: 24 de junho de 2019.

_____. IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE. Disponível em https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pa/parauapebas/historico. Acesso em: 24 de junho de 2019.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil**. Secretaria de Educação Básica. – Brasília: MEC, SEB, 2010.

BRASIL. **Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005**. Regulamenta a lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras, e o art. 18 da

Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 23 dez. 2005. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm.

BRASIL. **Estatuto da criança e do adolescente**: Lei federal nº 8069, de 13 de julho de 1990. Rio de Janeiro: Imprensa Oficial, 2002.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei número 9394, 20 de dezembro de 1996. Disponível em: http://www.fnde.gov.br/acesso-a-informacao/institucional/legislacao/item/3308-lei-n%C2%BA-9394-de-20-de-dezembro-de-1996

CALIL, Ana Maria Gimenes Corrêa. **Wallon e a Educação**: uma visão integradora de professor e aluno Contrapontos - volume 7 - n. 2 - p. 299-311 - Itajaí, mai/ago, 2007. Disponível em: <https://siaiap32.univali.br/seer/index.php/rc/article/download/907/762>. Acesso em 07/11/2018.

CARVALHO, Rosita Edler. **Educação inclusiva**: com os pingos nos "is". 4. ed. Porto Alegre: Ed. Meditação, 2006.

DIAS, Elaine. **A importância do lúdico no processo de ensino-aprendizagem na educação infantil.** Revista Educação e Linguagem – Artigos – ISSN 1984 – 3437. Vol. 7, n º 1 (2013). Disponível em: http://www.ice.edu.br/TNX/index.php?sid=266

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários à prática educativa. 8. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2003. (Coleção Leitura).

_____, Paulo. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários à prática educativa. 21ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

FRIEDMANN, Adriana. **O brincar na educação infantil observação, adequação e inclusão.** 1ª ed. São Paulo: moderna, 2012.

GALVÃO, I. **Henri Wallon**. Petrópolis: Vozes, 1996.

KISHIMOTO, Tizuko. **Brinquedos e brincadeiras na educação infantil.** Anais do I seminário nacional: currículo em movimento – Perspectivas Atuais, Belo Horizonte, novembro de 2010.

_____, Tizuko M. **O brincar e a linguagem**. In: FARIA Ana Lúcia Goulart e MELLO, Suely Amaral. O mundo da escrita no universo da pequena infância. Autores Associados. 2012. p.45-61.

LIBÂNEO, J. C. **Pedagogia, Ciência da Educação?** In: PIMENTA, Selma G. (org.). São Paulo: Cortez, 1996, p. 127.

LIMA, Licínio C. A “escola” como categoria de investigação. In: LIMA, Licínio C. **Administração escolar**: estudos. Porto Editora, 2011. p. 148-163.

MACHADO, V. **Definições da Prática Pedagógica e a Didática Sistêmica**: considerações em espiral. In. Revista Didática sistêmica. Vol. 1. FURG. Out - Dez/2005.

MARTINS, João Carlos. Vygotsky e o papel das interações sociais na sala de aula: reconhecer e desvendar o mundo. **Série Idéias**, v. 28, p. 111-122, 1997.

MENEZES, Ebenezer Takuno de; SANTOS, Thais Helena dos. Verbete sistema de ciclos. **Dicionário Interativo da Educação Brasileira - Educabrasil**. São Paulo: Midiamix, 2001. Disponível em: <https://www.educabrasil.com.br/sistema-de-ciclos/>. Acesso em: 09 de jun. 2019.

NASPOLIN, Ana Tereza. **Didática do português**: tijolo por tijolo - leitura e produção escrita. São Paulo: FTD, 1996.

OLIVEIRA, Zilma Ramos de. **Educação infantil**: fundamentos e métodos. São Paulo: Cortez, 2002. (Coleção Docência em Formação).

PARO, Vitor Henrique. Gestão da escola pública: a participação da comunidade. In: PARO, Vitor Henrique. **Gestão democrática da escola pública**. 3. ed. Ática, 2004. p. 39-70.

PIMENTA, Selma Garrido; LIMA, Maria do Socorro Lucena. **Estágio e Docência.** São Paulo: Cortez, 2004. 296 p. (IV). Coleção docência em formação. Série saberes pedagógicos – Revisão técnica: José Cerchi Fusari.

PINHEIRO, Luciane Gonçalves. **MEU PROCESSO FORMATIVO:** Narrativas e reflexões de uma futura educadora. 2018. 45 f. TCC (Graduação) - Curso de Pedagogia, Universidade Federal do Pará, Belém, 2018.

PINTO, Umberto de Andrade. Áreas de atuação do pedagogo escolar. In: PINTO, Umberto de Andrade. **Pedagogia Escolar**: coordenação pedagógica e gestão educacional. São Paulo: Cortez, 2011. Cap. 3. p. 138-176.

PRADO, Guilherme do Val e Soligo, Rosana. **Memorial de formação**: quando as memórias narram a história de formação. Mimeo – Unicamp, 2004.

_____, Guilherme; SOLIGO, Rosaura. **Memorial de formação**: quando as memórias narram a história da formação. In: PRADO, Guilherme; SOLIGO, Rosaura (Org.). Porque escrever é fazer história: revelações, subversões, superações. Campinas, SP: Graf, 2005.

RODRIGUES, Sônia Eli Cabral. **Interfaces entre a psicologia da educação e a educação inclusiva na formação inicial de professores**: saberes e práticas no processo de ensino-aprendizagem. 2015.

SILVEIRA, Andréa; LOBATO, Huber; SILVA, Lucival Fábio. Representações sociais sobre o ensino-aprendizagem de Libras: Especificidades pedagógicas no ensino superior. In: SOUZA, Christianne; BARBOSA, Marily; BRIEGA, Diléia (org). **Pesquisas em educação especial:** fios e desafios. Local: Curitiba: Appris, 2017. p. 213.

UFPA. PROEG. **Edital de monitoria.** Disponível em: http://www.proeg.ufpa.br/images/Artigos/Editais/Edital_de_Monitoria_2016.pdf. Acesso em: 02 de junho de 2019.

UFPA. SAEST. Disponível em http://www.saest.ufpa.br/view/portal/. Acesso em: 26 de março de 2018.